



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LAVRAS

**SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA ÓPTICA DOS
DISCENTES: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA**

**LAVRAS/MG
2022**

BEATRIZ GARCIA DE MELO

**SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA ÓPTICA
DOS DISCENTES: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário de Lavras como parte das exigências do Curso de Graduação em Enfermagem para obtenção do Título de Enfermeiro.

Orientadora:
Prof^ª. Dr^ª. Mirelle Inácio Soares

**LAVRAS/MG
2022**

Ficha Catalográfica preparada pelo Setor de Processamento Técnico
da Biblioteca Central do UNILAVRAS

M528s Melo, Beatriz Garcia de.
Sistematização da assistência de enfermagem na óptica dos
discentes: uma abordagem fenomenológica / Beatriz Garcia de Melo –
Lavras: Unilavras, 2022.

91 f.:il.

Monografia (Graduação em Enfermagem) – Unilavras, Lavras, 2022.

Orientador: Prof.º Mirelle Inácio Soares.

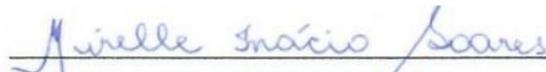
1. Processos de Enfermagem. 2. Estudantes. 3. Estratégias. 3.
Aprendizagem. I. Soares, Mirelle Inácio (Orient.). II. Título.

BEATRIZ GARCIA DE MELO

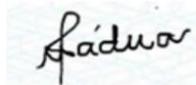
**SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA ÓPTICA
DOS DISCENTES: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário de
Lavras como parte das exigências do
Curso de Graduação em Enfermagem
para obtenção do Título de Enfermeiro.

APROVADO EM: 09/11/2022



Prof^ª. Dr^ª. Mirelle Inácio Soares/ Centro Universitário de Lavras
ORIENTADORA



Prof^ª. Estefania Aparecida de Carvalho Pádua / Centro Universitário de Lavras
MEMBRO DA BANCA

**LAVRAS/MG
2022**

“Nada temas, pois Eu te resgato, Eu te chamo pelo nome és meu. Se tiveres de atravessar a água, estarei contigo. E os rios não te submergirão, se caminhares pelo fogo, não te queimarás, e a chama não te consumirá. Pois eu sou o Senhor, Teu Deus, o Santo de Israel, Teu Salvador. Dou o Egito por seu resgate. Porque és precioso aos meus olhos, porque eu te amo e te aprecio, permuto reinos por ti, entrego nações em troca de ti. Fica tranquilo, pois estou contigo. Isaías 43,1-5”.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de engrandecer o nome Daquele que esteve ao meu lado em cada segundo, desde antes do início da minha graduação, preparando e encaminhando cada detalhe da minha vida para aquilo que eu haveria de viver. Engrandecer o Ser mais Sublime, Aquele que foi meu sustento durante todo esse longo processo, meu Eterno Amor, que em meio ao meu cansaço foi descanso, ao desespero foi a calma, em meio a dor o alento, em meio as lágrimas a alegria, Aquele que secou cada lágrima minha quando eu chorei sozinha, e que me fez forte quando eu pensava que desistir fosse o único o caminho. Sim, agradecer Meu Amado Jesus, por nunca desistir de mim, e me sustentar! Obrigada meu Jesus, por ser este Amor que não se cansa, gratidão por todo zelo com minha vida!

Gratidão também a Virgem Maria, esse exemplo de mulher, minha querida Mãezinha que sempre esteve ao meu lado, intercedendo junto ao Seu Filho por mim. Sempre abrindo meus caminhos, e colocando pessoas boas e abençoadas durante minha jornada! Enfim, obrigada meus amiguinhos do céu, sem o cuidado de vocês, eu sei que pelas minhas forças eu não seria capaz.

Quero aqui expressar também a minha eterna gratidão aos meu pais, Wanda e Roginaldo, que sempre se mantiveram firmes ao meu lado, me apoiando em cada decisão, sempre me incentivando e acreditando em mim. A eles que sempre me deram todo o apoio e amor, me proporcionando todos os subsídios para chegar até aqui, assim como sendo presença, amparo e força. Sou extremamente grata a eles e os amo infinitamente! Aos meus amados irmãos, Bruno e Bianca, meus tesouros, que sempre se mantiveram ao meu lado, proporcionando leveza aos meus dias pesados, sorrisos em dias de tristeza! Eles que são meus xodozinhos, e estão sempre presentes em todos os momentos da minha vida.

Gostaria de agradecer ao meu namorado, Gleison, que sempre esteve aqui comigo me motivando e incentivando a ir além, agradecer por toda paciência e presença, por cuidar e me amparar sempre que precisei. Agradecer também a minha grande e amada família, meus lindos e amáveis avós, meus queridos tios, como também, aos meus mais loucos e queridos primos por compartilharem sempre das minhas loucuras, minha gratidão e amor a cada um deles! E claro as minhas amigas, Thays e Marcela, que me acolheram tão bem, e se tornaram minhas irmãs, presentinhos da enfermagem. E a todos os meus outros amigos que sempre estiveram comigo, em especial ao seminarista Charleston, sendo sempre canal da graça de Deus em minha vida!

Quero aqui expressar ainda, os meus agradecimentos aos docentes da enfermagem, por agregarem tanto em minha vida, tanto profissional assim como pessoal, com todo conhecimento e sabedoria, me ajudando a crescer de pouquinho em pouquinho ao decorrer destes anos. De forma especial, gostaria de agradecer a Profa. Ma. Rosyan Carvalho que me incentivou e me apoiou inicialmente no mundo da pesquisa, despertando em mim o gosto de ser uma pesquisadora.

De forma muito especial, gostaria de agradecer a Professora Doutora Mirelle Inácio Soares, por ser essa excelente profissional e pessoa. Agradecê-la por ter aceito me orientar, e por me orientar tão sabiamente, com tanto conhecimento, profissionalismo e humanidade. Obrigada por despertar em mim um amor pela gerência dos serviços de saúde e de enfermagem, assim como pela docência. Gratidão Mirelle, por acreditar em mim, me incentivar a ir sempre além, por toda paciência e carinho, você é maravilhosa! Gratidão, nós conseguimos!

Enfim, obrigada a cada um que esteve ao meu lado nessa longa jornada, sendo presença, força e amparo! Que Jesus derrame muitas bênçãos sobre cada um!

"Até aqui o Senhor nos ajudou"!! 1 Samuel 2, 7

RESUMO

Introdução: Sistematização da Assistência de Enfermagem é um método que visa orientar e nortear a assistência ao paciente, viabilizando a aplicação do Processo de Enfermagem, devendo estas ferramentas serem aprimoradas desde o período acadêmico. **Objetivo:** Analisar o significado da Sistematização da Assistência de Enfermagem na óptica dos discentes do último ano do Curso de Graduação em enfermagem de uma Universidade Privada do Sul de Minas Gerais. **Método:** Estudo descritivo com abordagem qualitativa, seguindo a fenomenologia. Participaram da pesquisa 26 discentes que estavam cursando o último ano de Graduação em Enfermagem. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas individuais utilizando gravadores digitais. Para a análise dos dados utilizou-se a análise indutiva. A pesquisa foi aprovada sob o parecer ético CAAE [REDACTED]

Resultados: os resultados viabilizaram a construção das seguintes categorias: Desvelando o significado da Sistematização da Assistência de Enfermagem na óptica dos discentes; Facilidades da Sistematização da Assistência de Enfermagem na práxis profissional do enfermeiro; Dificuldades no aprendizado do discente na aplicação da Sistematização da Assistência de Enfermagem e Estratégias na percepção do discente para a melhoria do aprendizado da Sistematização da Assistência de Enfermagem nos centros formadores. **Considerações Finais:** Os discentes compreendem o significado da Sistematização da Assistência de Enfermagem e a reconhecem como um instrumento organizador do cuidado. No entanto, ainda é nítido algumas dificuldades que necessitam de uma atenção maior por parte dos centros formadores para que o aprendizado dessa ferramenta aconteça de forma mais proficiente.

Palavras-Chave ou descritores: Processos de Enfermagem; Estudantes; Estratégias; Aprendizagem.

LISTA DE SIGLAS

CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNS	Resolução do Conselho Nacional de Saúde
COFEN	Conselho Federal de Enfermagem
COVID-19	Corona Vírus Disease-19
DNC	Diretrizes Curriculares Nacionais
D	Discentes
ENADE	Exame Nacional de Desempenho dos Alunos
IESP	Instituição de Ensino Superior Privada
IQC	Indicador de qualidade dos cursos
MEC	Ministério da Educação
NANDA	<i>North American Nursing Diagnosis Association</i> – Diagnósticos de Enfermagem da NANDA
NIC	<i>Nursing Interventions Classification</i> – Classificação das Intervenções de Enfermagem
NOC	<i>Nursing Outcomes Classification</i> – Classificação dos Resultados de Enfermagem
OMS	Organização Mundial da Saúde
PE	Processo de Enfermagem
POP	Procedimentos Operacionais Padrão
SAE	Sistematização da Assistência em Enfermagem
SARS- CoV-2	<i>Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2</i>
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNILAVRAS	Centro Universitário de Lavras

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OBJETIVOS	11
2.1 Objetivo Geral.....	11
2.2 Objetivos Específicos.....	11
3 JUSTIFICATIVA	12
4 REVISÃO DA LITERATURA	14
5 MÉTODO	19
5.1 Tipo de estudo.....	19
5.2 Cenário de pesquisa.....	19
5.3 Participantes do estudo.....	20
5.5 Coleta de dados.....	21
5.6 Análise de dados.....	22
6 CRITÉRIOS ÉTICOS	24
7 RESULTADOS E DISCUSSÃO	25
7.1 DESVELANDO O SIGNIFICADO DA SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA ÓPTICA DOS DISCENTES.....	26
7.1.1 Conhecimento da SAE no processo acadêmico.....	26
7.1.2 A SAE como respaldo profissional do enfermeiro.....	31
7.2 FACILIDADES DA SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA PRÁXIS PROFISSIONAL DO ENFERMEIRO.....	35
7.2.1 Benefícios da SAE na percepção dos discentes.....	36
7.2.2 Facilidades para o aprendizado da Sistematização da Assistência de Enfermagem durante o processo de formação acadêmica.....	40
7.3 DIFICULDADES NO APRENDIZADO DO DISCENTE NA APLICAÇÃO DA SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM	45
7.3.1 Receios e anseios no aprendizado da Sistematização da Assistência de Enfermagem.....	45
7.3.2 Dicotomia entre teoria e a prática.....	51
7.4 ESTRATÉGIAS NA PERCEPÇÃO DO DISCENTE PARA A MELHORIA DO APRENDIZADO DA SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NOS CENTROS FORMADORES.....	55

7.4.1 Estratégias para o desenvolvimento da Sistematização da Assistência de Enfermagem em práticas simuladoras no âmbito acadêmico.....	56
7.4.2 Estratégias para o desenvolvimento da Sistematização da Assistência de Enfermagem em lócus da práxis profissional.....	62
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS.....	71
ANEXOS.....	80
Anexo I- Termo de autorização do [REDACTED].....	80
Anexo II- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	82
Anexo III- Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....	84
APÊNDICES.....	88
Apêndice I- Questionário sociodemográfico.....	88
Apêndice II- instrumento de coleta de dados – Roteiro de questões norteadoras.....	89

1 INTRODUÇÃO

A Enfermagem é uma profissão que engloba áreas multifacetadas ofertando serviços desde assistenciais a gerenciais, independente do setor de trabalho em que o enfermeiro se encontra. Assim, no decorrer da minha graduação, especialmente quando cursei a Disciplina de “Sistematização da Assistência de Enfermagem” (SAE), pude perceber o quão importante é o enfermeiro desenvolver seu olhar clínico no cuidado ao paciente nos serviços de saúde.

Diante disso, foi notório perceber como são amplas as funções de um enfermeiro, todavia, diversas vezes estas se reduzem apenas ao serviço assistencial, fazendo com que o serviço gerencial seja esquecido ou realizado de forma inadequada, o que conseqüentemente, interfere também de forma direta a assistência ofertada. Nessa direção, ao conhecer e aprender de modo mais aprofundado sobre a SAE, descortinou-se o quanto esta metodologia faz-se indispensável no processo de trabalho do enfermeiro, possibilitando não apenas um gerenciar de qualidade, mas sim uma assistência de enfermagem contextualizada, qualificada e mais humana.

A SAE é considerada um método organizador do trabalho do enfermeiro, o que viabiliza a implantação do Processo de Enfermagem (PE), sendo este uma ferramenta com fundamento científico que direciona o enfermeiro, para que este profissional desempenhe ações e decisões de forma assertiva e também evolua de forma positiva com relação a administração e gerência na enfermagem (SILVA et al., 2015; SANTOS et al., 2019).

Diante dessa perspectiva, o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), por meio da resolução N. 358/2009, preconiza a implantação da SAE e do PE em todos os locais de saúde, onde haja a oferta da assistência de enfermagem (BARRETO et al., 2020). Esse por sua vez, ratifica ainda que a implementação da SAE e do PE seja uma atividade privativa do enfermeiro, respaldada também pela Lei do Exercício Profissional N. 7498/86 (COFEN, 1986).

Nesse contexto, enfatiza-se que a SAE é uma metodologia de extrema importância, contribuindo no bom desempenho na gerência da assistência realizada pelo enfermeiro. Com isso, estudos evidenciam como a SAE proporciona tanto ao enfermeiro como ao paciente, um cuidado ofertado de forma organizada, assim como a qualificação e integralidade da assistência, resolução, seguridade ao paciente, e também autonomia deste profissional (SANTOS et al., 2019; PEREIRA et al., 2017).

No entanto, mesmo perante toda a contribuição da SAE aos serviços de saúde, assim como ao enfermeiro e paciente de forma direta, ainda existem dificuldades na sua

implementação, sendo que inúmeras vezes é realizada de forma fragmentada ou errada, podendo por vezes nem ser utilizada (LIMA et al., 2021; BARRETO et al., 2020; SANTOS et al., 2019). Esse nó crítico ocorre inúmeras vezes devido a um desconhecimento a respeito da mesma, pela falta de formação e preparo, além de extensas cargas horárias de trabalho, o que gera uma sobrecarga do profissional (BARRETO et al., 2020).

Diante dessa premissa, estudos apontam a dificuldade da implementação da SAE desde o processo de formação, ou seja, na graduação, visto que durante a trajetória acadêmica não é dada a devida importância a implementação desta ferramenta juntamente o PE e suas etapas, o que dificulta sua aplicabilidade posteriormente enquanto futuros enfermeiros. Desse modo, vale destacar que o mesmo estudo afirma que cerca de 48,1% dos alunos, alegam a deficiência da aplicabilidade da SAE estar diretamente relacionada aos conteúdos apresentados, sejam eles teóricos ou práticos (MENESES et al., 2019).

Acerca da relevância desse assunto, faz-se necessário que a SAE seja ensinada de forma eficaz e coerente, abrangendo as teorias de enfermagem e sua aplicabilidade na prática desde a graduação, para que dessa forma o enfermeiro seja capaz de executá-la de maneira satisfatória em seu ambiente de trabalho, conforme o preconizado pela resolução N. 358/2009 (FERREIRA, 2021; MENESES et al., 2019).

Assim, este estudo apresenta o seguinte questionamento: Qual é o significado da SAE na óptica dos discentes do último ano do Curso de Graduação em Enfermagem?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar o significado da Sistematização da Assistência de Enfermagem na óptica dos discentes do último ano do Curso de Graduação em Enfermagem de uma Universidade Privada do Sul de Minas Gerais.

2.2 Objetivos Específicos

- Analisar as facilidades do aprendizado da Sistematização da Assistência de Enfermagem e do Processo de Enfermagem, pelos discentes do Curso de Graduação em Enfermagem.

- Analisar as dificuldades do aprendizado da Sistematização da Assistência de Enfermagem e do Processo de Enfermagem pelos discentes do Curso de Graduação em Enfermagem.

- Elaborar estratégias de ensino-aprendizagem por meio da óptica dos discentes do Curso de Graduação em Enfermagem a fim de proporcionar uma melhor compreensão acerca da Sistematização da Assistência de Enfermagem e do Processo de Enfermagem.

3 JUSTIFICATIVA

Por se tratar de uma ferramenta que visa nortear, direcionar e organizar o cuidado oferecido pelo profissional de enfermagem, a SAE objetiva sistematizar e otimizar o atendimento ao cliente (BARRETO et al., 2020; SPRINGER, 2019). Desse modo, o profissional enfermeiro realiza seus conhecimentos científicos e técnicos, como também desenvolve seu raciocínio clínico e pensamento crítico (MOSER et al., 2018).

Consonante a isso, é precípuo ressaltar que, de acordo com a Resolução N. 358/2009, faz-se obrigatório a implementação da SAE e do PE nas instituições de saúde, sejam elas públicas ou privadas, em que acontece a assistência de enfermagem (MENESES et al., 2019). Nesse contexto, também é importante ratificar que a SAE permitiu a execução do PE, ferramenta esta que proporciona a sistematização do cuidado.

O PE possibilita uma assistência sistematizada, direcionando a prática do assistir, e o caminho da assistência a ser prestada. O mesmo é composto por cinco etapas interdependentes, dentre elas, o histórico de enfermagem, o diagnóstico de enfermagem, o planejamento das ações de enfermagem, a implementação das intervenções de enfermagem e a evolução de enfermagem, as quais durante a graduação os discentes aprendem a executar e aplicar cada uma dessas fases (FERREIRA et al., 2021; MENESES et al., 2019; SOARES et al., 2012).

Nessa direção, é por meio do PE que o profissional de enfermagem verifica o que o paciente necessita, e determina uma ligação entre paciente e profissional, como também com os outros profissionais que ali trabalham. Além disso, o PE pode garantir altos níveis de qualificação no cuidado a ser ofertado, visto que sua aplicação possibilita que o enfermeiro identifique a queixa principal, faça o planejamento das ações e as implemente, avaliando os resultados (FERREIRA et al., 2021; MOSER et al., 2018).

Estudo relata que 100% de estudantes de 66 participantes de uma pesquisa relataram dificuldade em implementar alguma etapa do processo de enfermagem, relataram ainda inúmeros desafios na implementação da SAE devido a resistência ao aprendizado teórico-prático. Frente a isso, é preciso que a formação dos acadêmicos de enfermagem com relação ao aprendizado da SAE e os demais instrumentos que auxiliam na sua aplicabilidade, sejam executadas de forma clara desde a graduação, possibilitando sua maior adesão e compreensão (MENESES et al., 2019).

Partindo dessa premissa, é inquestionável o quanto a SAE e o PE são metodologias de trabalho imprescindíveis para o ensino-aprendizado dos discentes de enfermagem, visto que

os mesmos desenvolverão práticas assistências mais humanizadas e criteriosas no alcance de melhores resultados, além uma gerência da assistência de excelência.

No entanto, apesar de se reconhecer toda a importância da aplicabilidade da SAE, há ainda uma falha perceptível em sua aplicação, principalmente na formação acadêmica. Isso ocorre devido à falta de domínio dos docentes em ligar a teoria com a prática, por considerarem um método muito teórico que exige do enfermeiro uma maior dedicação (LIMA et al., 2021). Sendo assim, é de suma importância viabilizar os impasses que levam parte dos profissionais a não desenvolverem a SAE e o PE na sua prática, sendo que este nó crítico pode ser desvelado desde suas trajetórias acadêmicas.

Acerca da relevância desse assunto, este estudo visa contribuir na investigação de como está sendo concretizado o ensino da SAE e do PE nos centros formadores, para que possam ser analisadas as facilidades e as dificuldades encontradas no processo de formação acadêmica, de modo a intervir e concretizar a execução dessas ferramentas nos serviços de saúde, como também, posteriormente, desenvolver estratégias de ensino-aprendizagem, a fim de proporcionar uma melhor compreensão sobre a SAE e PE no processo de trabalho do enfermeiro.

4 REVISÃO DA LITERATURA

O anseio em alcançar níveis melhores de qualidade nos serviços de saúde, relacionado a modificações científicas, assim como ao aumento da demanda de usuários do sistema de saúde, faz com que ocorra uma necessidade evidenciada de fatores organizacionais e gerenciais nas instituições, sendo o profissional enfermeiro um dos principais responsáveis pela implementação deste fator (VALBUENA-DURÁN et al., 2021; FERRACIOLI et al., 2020).

De alguns anos para cá, o gerenciar na enfermagem tem assumido um papel fundamental nos mais diversos serviços de saúde, sendo de extrema importância para a organização trabalho e inter-relação entre os profissionais, destacando-se que na gestão da assistência à saúde, o enfermeiro possui um papel primordial (RIBEIRO et al., 2020; FERRACIOLI et al., 2020; SOARES et al., 2015). Nesse sentido, a capacidade de liderança é uma habilidade indispensável ao enfermeiro, possibilitando-o alcançar a eficácia com relação a orientação, motivação e organização de sua equipe (SILVA et al., 2021; VALBUENA-DURÁN et al., 2021; MORAES et al., 2021).

Ressalta-se que Florence Nightingale foi a precursora na gerência da enfermagem, sendo uma das primeiras enfermeiras a desenvolver processos administrativos em meados do século XIX, sendo considerada a primeira administradora hospitalar. Florence evidenciou por meio de resultados, durante sua atuação na guerra da Criméia, o quão importante se faz o conhecer de instrumentos da administração para que ocorra um melhor alinhamento entre o cuidado de enfermagem com a organização do local de trabalho e sua divisão (SOUZA et al., 2020; SANTOS et al., 2013).

Nessa perspectiva, é notório o quão o gerenciamento pela equipe de enfermagem desde os primórdios, assim como associado as realidades e demandas atuais, trata-se de um processo essencial. A gerência possui como significado o ato de pensar, decidir e agir, posteriormente levando a obtenção de resultados e suas avaliações, podendo ser considerada tanto como um fator científico, tanto como um fator racional. Desse modo, ao ser desenvolvida na enfermagem em consonância com as esferas assistenciais, irá proporcionar a organização da assistência, viabilizando um atendimento eficaz, qualificado, individualizado e integral ao paciente (MARTINS et al., 2021; MORORÓ et al., 2017).

Diante desses apontamentos, ratifica-se que o trabalho da enfermagem possui duas esferas que se complementam, a esfera assistencial que visa o cuidado direto ao paciente, e a esfera gerencial que visa a coordenação, ordenação do trabalho e equipes de enfermagem,

ambas de suma relevância para o desenvolvimento do trabalho e alcance de objetivos comuns. Todavia, inúmeras vezes na esfera gerencial, o profissional enfermeiro encontra obstáculos, dúvidas, falta de conhecimentos e desafios, o que dificulta a sua realização. Nessa direção, surge a SAE, em um contexto de transformação da enfermagem como ciência e profissão, com intuito de auxiliar na criação de elaborações, avaliações e execuções da assistência aos pacientes (MENESES et al., 2019; MORORÓ et al., 2017; SOARES et al., 2015).

No Brasil, a sistematização do cuidado da enfermagem ocorreu fundamentada na teoria de Wanda Aguiar Horta, que visava por meio de métodos correlacionados e organizados prestar assistência integral ao paciente (MOSER et al., 2018). Segundo os seguintes autores Kletemberg, Siqueira e Mantovani, a SAE passou a ser parte da formação dos enfermeiros nas décadas de 1920 e 1930, sendo que no Brasil a mesma passou a ser implementada com maior evidência nos anos de 1970 e 1980, sofrendo fortes influências por Horta (SANTOS, 2014).

Coaduna-se que a SAE é um instrumento gerencial do cuidado que auxilia na organização e direção da assistência de enfermagem, subsidiando-se na ciência, de modo a proporcionar ao enfermeiro escolhas assertivas nas decisões, qualidade na administração, e consequentemente um atendimento qualificado permitindo a operacionalização do PE (SANTOS et al., 2019; MENESES et al., 2019; RIBEIRO; PADOVEZE, 2018).

Conforme a Resolução do Conselho Federal de Enfermagem, a SAE é uma função privativa do profissional enfermeiro, respaldada pela Resolução N. 358 de 2009, tendo como objetivo viabilizar de forma geral o cuidado do paciente. Assim, de acordo com essa resolução, constitui-se ainda uma ação obrigatória a ser desenvolvida pelos profissionais de enfermagem, seja no âmbito privado ou público dos serviços de saúde (LIMA et al., 2021; MENESES et al., 2019). Nessa direção, o PE torna-se um grande alicerce da SAE, visto que é uma ferramenta que auxilia o enfermeiro na atuação da assistência, possibilitando-o desenvolver um raciocínio clínico, decisões assertivas, julgamentos clínicos, intervenções e resultados de enfermagem (LIMA et al., 2021; RIBEIRO et al., 2018; COFEN, 2009).

Conforme a resolução do COFEN N. 358 de 2009, o PE é organizado em cinco etapas, relatadas a seguir:

I – Coleta de dados de Enfermagem (ou Histórico de Enfermagem): processo deliberado, sistemático e contínuo, realizado com o auxílio de métodos e técnicas variadas, que tem por finalidade a obtenção de informações sobre a pessoa, família ou coletividade humana e sobre suas respostas em um dado momento do processo saúde e doença.

II – Diagnóstico de Enfermagem: processo de interpretação e agrupamento dos dados coletados na primeira etapa, que culmina com a tomada de decisão sobre os conceitos

diagnósticos de enfermagem que representam, com mais exatidão, as respostas da pessoa, família ou coletividade humana em um dado momento do processo saúde e doença; e que constituem a base para a seleção das ações ou intervenções com as quais se objetiva alcançar os resultados esperados.

III – Planejamento das Ações de Enfermagem: determinação dos resultados que se espera alcançar; e das ações ou intervenções de enfermagem que serão realizadas face às respostas da pessoa, família ou coletividade humana em um dado momento do processo saúde e doença, identificadas na etapa de Diagnóstico de Enfermagem.

IV – Implementação: realização das ações ou intervenções determinadas na etapa de Planejamento de Enfermagem.

V – Avaliação de Enfermagem: processo deliberado, sistemático e contínuo de verificação de mudanças nas respostas da pessoa, família ou coletividade humana em um dado momento do processo saúde doença, para determinar se as 31 ações ou intervenções de enfermagem alcançaram o resultado esperado; e de verificação da necessidade de mudanças ou adaptações nas etapas do Processo de Enfermagem.

Por conseguinte, é válido afirmar que a SAE e o PE são essenciais para o reconhecimento da enfermagem, visto que estes proporcionam ao enfermeiro mais confiança ao desempenhar as práticas assistenciais, atendimento ao paciente de forma qualificada, resolutiva e integral, além de promover a autonomia e respaldar o enfermeiro (SANTOS; APARECIDO, 2021; LIMA et al., 2021; SANTOS et al., 2019).

Destarte, é evidente a eficácia da aplicabilidade da SAE pelos enfermeiros nos sistemas de saúde, porém mesmo diante de inúmeras evidências de seus benefícios, é perceptível uma resistência com relação ao seu uso por alguns profissionais enfermeiros, sendo que, por inúmeras vezes, a SAE é realizada de forma fragmentada ou errônea (LIMA et al., 2021; BARRETO et al., 2020; SANTOS et al., 2019). Esse fato é muitas vezes recorrente pelo desconhecimento a respeito da mesma, pela falta de formação e preparo, ou por extensas cargas horárias de trabalho, o que gera uma sobrecarga do profissional (BARRETO, 2020).

Acerca desse quesito, cabe evidenciar que a não aplicabilidade da SAE está diretamente relacionada ao seu não aprendizado de maneira eficaz durante o período de formação dos enfermeiros. Estudos demonstram que inúmeros enfermeiros levantaram questionamentos relacionados a aplicação de teorias e a aplicabilidade da fundamentação científica no cotidiano da prática de enfermagem, em que os mesmos evidenciaram desafios relacionados ao conhecimento e benefícios da SAE e do PE (MARTINS et al., 2020; MOSER et al., 2018).

Meneses et al. (2019) ao realizarem um estudo com 66 acadêmicos de enfermagem do nono e décimos períodos de uma universidade privada de Manaus, encontraram inúmeras dificuldades relacionadas a implementação da SAE e do PE. Assim, com relação ao PE, todos os 66 discentes, totalizando uma porcentagem de 100% apresentaram déficits relacionados a alguma das etapas da ferramenta, ficando evidente uma maior dificuldade com relação a segunda etapa do Diagnóstico de Enfermagem (47%). No que tange a implementação da SAE, as dificuldades estavam associadas a resistência do aprendizado teórico-prático.

É notório enfatizar que existem muitos questionamentos e dúvidas relacionados a compreensão da SAE, sendo importante a provisão de um maior conhecimento sobre esta para que seja implementada na prática de forma satisfatória. No entanto, apesar das dificuldades relacionadas ao aprendizado e implementação dessas ferramentas inerentes à enfermagem, 72,7% dos discentes demonstraram estar conscientes que a não implementação dessas ferramentas, afetaria de forma direta o cuidado ofertado ao paciente (MENESES et al., 2019).

Cabe destacar em um outro estudo, também realizado com acadêmicos de enfermagem sobre a SAE, alguns pontos relevantes. Inicialmente evidencia-se o fato de estudantes dos períodos iniciais de enfermagem sentirem-se perdidos com relação a SAE, não conseguindo associá-la ao exame físico e anamnese, tratando ambos de forma isolada. No entanto, é notório enfatizar que, mesmo introduzindo o aprendizado da SAE em períodos precoces, ocorre um déficit do seu conhecimento, devido seu ensinamento ser transmitido de forma fragmentada e incompleta (SILVA et al., 2015).

Outro fator a ser evidenciado durante o processo de graduação do enfermeiro, é a falta de auxílio com relação ao desempenho de competências para a aplicação da SAE. Isso ocorre inúmeras vezes, devido o despreparo dos docentes com relação ao seu ensino, assim como pelas universidades e também pelas instituições onde a mesma será desempenhada de forma prática (ROCHA et al., 2019; MOREIRA et al., 2013; SILVA et al., 2011).

Com relação ao despreparo dos docentes, segundo SILVA (2011), um ponto importante relatado em seu estudo, foi o fato de não haver uma padronização do ensino da SAE pelos professores, o que dificulta a formação e aprendizado dos alunos. Foi notório, ainda a partir deste estudo que isto ocorre diversas vezes, devido esses professores ensinarem a SAE baseada em suas experiências, sendo necessário dessa forma uma atualização e distinção dos conhecimentos a serem transmitidos a estes alunos.

Nesse sentido, outro apontamento é a não associação da teoria a prática durante o aprendizado da SAE na graduação, ocorrendo dessa forma o seu ensinamento de forma fragmentada, e interrupta durante os semestres de ensino. Esse fator faz-se uma questão

desafiadora, visto que o mesmo irá dificultar a aplicação da SAE quando estes alunos forem desempenhar a prática. Sendo necessário dessa maneira, a busca por estratégias para que ocorra o ensino prático-teóricos associado por parte dos docentes (ROCHA et al., 2019; MOREIRA et al., 2013).

Com essa perspectiva, cabe enfatizar ainda a necessidade de tantos os docentes quanto as universidades se atentarem a possibilidade da aplicação da SAE de forma eficaz, visto que inúmeras vezes ocorre uma diferenciação entre o apresentado em teorias e a sua aplicabilidade na prática nos campos de estágio. O que torna essencial, com que ocorra uma delimitação pela instituição ao escolher os campos para realização das atividades teórico-práticas e da SAE (MOREIRA et al., 2013; SILVA et al., 2011).

Destarte, é nítido o quão importante e relevante faz-se o aprendizado e a implementação da SAE e do PE, visto que possibilitam um atendimento de qualidade ao paciente e maior autonomia ao enfermeiro (LIMA et al., 2021). Entretanto, mesmo diante dessa premissa, existem inúmeros fatores dificultadores do aprendizado e implementação, sendo estes evidenciados pelos diversos impasses referentes ao ensino-aprendizado durante o período de graduação (MENESES et al., 2019).

Por conseguinte, é de suma importância a busca constante por melhorias com relação ao ensinamento pelos docentes, assim como o aprendizado da SAE pelos enfermeiros desde o processo de formação, possibilitando posteriormente sua aplicabilidade de forma concreta e eficaz, fazendo com que a mesma não seja refugada apenas a meras teorias, e sim vivenciada na prática, desenvolvendo a amplitude de seu entendimento (SILVA et al., 2015).

5 MÉTODO

5.1 Tipo de estudo

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa, seguindo a trajetória fenomenológica.

O estudo descritivo é caracterizado pela descrição das particularidades de algum ser ou fenômeno, ou pela relação entre as variáveis e a natureza dessa relação (GIL, 2002). Entende-se que a abordagem qualitativa se aplica a uma realidade que não pode ser quantificada, ou seja, é uma abordagem que estuda os aspectos subjetivos dos fenômenos, crenças, valores, símbolos e atitudes da realidade social (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2009).

A abordagem qualitativa é compreendida como um conjunto de entender fatos e causas, de acordo com interações em situações particulares, onde a pessoa fala sobre si mesmo, fundamentado em suas necessidades e individualidades (BUFFON; MARTINS; NEVES, 2017; BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Associado a abordagem qualitativa, esta investigação fundamentar-se-á na trajetória fenomenológica, em que procura atribuir o fenômeno, aquilo que busca ver diretamente, questionar e captar a essência real de algo (BUFFON; MARTINS; NEVES, 2017; MARTINS; BICUDO, 1983). Nessa direção, a fenomenologia tem como ideia central a descrição dos fatos e fenômenos em seu modo original. O estudo desse método é, portanto, o próprio fenômeno, um objeto concreto, uma sensação, uma recordação, não importando se constitui uma realidade ou uma aparência (GIL, 2002).

5.2 Cenário de pesquisa

O cenário da investigação foi uma Instituição de Ensino Superior Privada (IESP) situada no Sul de Minas Gerais que possui mais de 50 anos de atividades tendo sua história associada com a vida de Lavras, Minas Gerais, sendo uma cidade nacionalmente conhecida como um polo educacional. O Município está localizado no Sul de Minas Gerais, possuindo uma população de 104.783 pessoas de acordo com o Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2020, dispendo de uma área territorial de 564,744 km².

A IESP foi idealizada e fundada pelo Professor Canísio Ignácio Lunkes, por meio da Lei N. 3.903 de dezembro de 1965, sendo realizado o primeiro vestibular em dezembro de 1968. É reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC), com conceito quatro, conforme o

Indicador de Qualidade dos Cursos (IQC) que está diretamente relacionado ao Exame Nacional de Desempenho dos Alunos (ENADE), que ocorre a cada três anos (UNILAVRAS, 2021).

A IESP atualmente é composta por uma vasta equipe de colaboradores e oferta inúmeros cursos de modalidade presencial, semipresencial, a distância, tais como: Administração, Arquitetura e Urbanismo, Direito, Educação Física, Enfermagem, Engenharia Civil, Engenharia Mecânica e Engenharia Elétrica, Fisioterapia, Medicina Veterinária, Odontologia, Pedagogia, Psicologia, Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Ciências Contábeis, Estética e Cosmética, Farmácia, Gastronomia, Redes de Computadores, Gestão Comercial, Marketing, Processo Gerenciais. No que tange a Pós-Graduação, destacam-se os cursos de Ciências Forenses, Endodontia, Engenharia de Segurança do Trabalho, Fundamentos de Psicanálise, Gestão Estratégica de Negócio e Pessoas, Gestão Financeira, Gestão Pública, Terapias Cognitivas, e Terapias Manuais (UNILAVRAS, 2021).

É precípua destacar que no Curso de Graduação em Enfermagem da IESP, cenário deste estudo, existem duas modalidades de Graduação em Enfermagem, a saber: a presencial que ocorre com aulas diariamente no período noturno e seus respectivos estágios nos mais diversos cenários da saúde no período diurno e matutino, e a semipresencial que é caracterizada por encontros aos sábados, com disciplinas híbridas e a à distância, possuindo também os seus respectivos estágios no período diurno e matutino. Ambas são constituídas por 10 períodos de formação acadêmica, que são finalizados dentro de um período de cinco anos (UNILAVRAS, 2021).

Cabe enfatizar que a Disciplina “Sistematização da Assistência de Enfermagem” ocorre no quinto período do Curso, tanto na modalidade presencial como na modalidade semipresencial.

5.3 Participantes do estudo

No contexto do Curso de Graduação em Enfermagem em ambas as modalidades, conta com discentes do nono e do décimo períodos que já cursaram a Disciplina de SAE. Assim, pretendeu-se trabalhar com 29 discentes, que estavam cursando o nono e décimo período de Graduação, e receberiam o Título de Enfermeiro no ano de 2022/1 e 2022/2 respectivamente.

Assim, após o contato prévio com o responsável da IESP e posteriormente com os alunos dos períodos finais do Curso de Enfermagem em ambas as modalidades, foi realizado o agendamento prévio viabilizando o melhor dia, o local e o horário, em seguida foi apresentado

os objetivos da pesquisa, a importância da participação dos mesmos, garantindo o sigilo das informações e esclarecendo a importância do assunto em pauta, com o intuito de trazer melhorias para o ensino-aprendizado da SAE e para a qualidade da assistência prestada ao paciente. Para esse procedimento foi obtida a autorização formal para a realização da coleta de dados pela Diretoria Administrativa da Instituição (ANEXO I).

Nesse contexto, a adesão dos discentes de enfermagem a este estudo ocorreu parcialmente, uma vez que dos 29 estudantes de enfermagem que estavam cursando o 9º e 10º período de enfermagem em 2022/1, somente 26 se disponibilizaram a participar desta investigação, estando todos em conformidade com os critérios de inclusão e exclusão, sendo eles os seguintes.

Critérios de inclusão:

Foram incluídos todos os discentes do Curso de Graduação em Enfermagem que estavam cursando o 9º e 10º período, e possuíam mais que 18 anos de idade, ou seja, maiores de idade, e que aceitaram participar da pesquisa, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO II).

Critérios de exclusão:

Foram os discentes de enfermagem que não estavam cursando o 9º e o 10º período de enfermagem, e aqueles que mesmo cursando ainda não haviam cursado a disciplina de Sistematização da Assistência de enfermagem (SAE).

Nessa direção, cabe destacar ainda que a pesquisa qualitativa não visa quantificar, mas prioriza a subjetividade de crenças, fenômenos, valores, símbolos e atitudes da realidade social (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2009). Dessa forma, foi possível, por meio da quantidade de participantes desta pesquisa, alcançar resultados realísticos, que permitiram reconhecer de forma profunda, os significados, ações e a relação dos processos.

5.4 Coleta de dados

Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) [REDACTED] e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos participantes do estudo, a coleta de dados teve início ocorrendo no período de março a maio de 2022.

Primeiramente foi aplicado um questionário sociodemográfico apresentando os seguintes dados, tais como: sexo, idade, dados sobre a graduação e se é atuante na área da saúde (APÊNDICE I). A coleta de dados para a investigação foi realizada por meio de entrevistas

individuais, em conformidade com as normas de distanciamento social e equipamento de proteção individual recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), utilizando gravadores digitais com o intuito de registrar os discursos dos discentes entrevistados.

As questões norteadoras definidas como fundamentais foram: (i) Qual o seu conhecimento acerca da SAE e do PE? (ii) Quais as facilidades para a implantação da SAE e do PE no decorrer de suas práticas acadêmicas? (iii)? Quais as dificuldades para a implantação da SAE e do PE no decorrer de suas práticas acadêmicas? (iv) Quais estratégias você indicaria para o melhor entendimento e aprendizado da SAE e do PE na formação do futuro enfermeiro? (APÊNDICE II).

É válido evidenciar, que por meio das questões norteadoras elencadas para a realização da coleta de dados, as pesquisadoras selecionaram outros questionamentos através de respostas dadas pelos participantes.

5.5 Análise de dados

Ressalta-se que a coleta de dados foi realizada de forma concomitante a análise dos dados, assim como as entrevistas realizadas com os discentes foram transcritas na íntegra, respeitando a fidedignidade dos depoimentos dos participantes. Destarte, a análise dos dados foi feita por meio da análise temática indutiva, caracterizado pela busca de conclusões desenvolvidas, fundamentado na experiência do assunto em estudo (BRAUN; CLARKE, 2006).

Para Braun e Clarke (2006) as etapas da análise temática indutiva podem ser descritas, de modo que facilite a interpretação dos dados do estudo, sendo composto por três fases. A primeira fase é a observação dos fenômenos, marcada pela preparação, ou seja, o pesquisador busca organizar o tema para torná-lo operacional por meio da transcrição dos dados obtidos, pela leitura, para compreensão dos eixos relevantes que caracterizem os dados do objeto em estudo e que possam ser agrupados em temas potenciais. Nessa fase, também ocorre à seleção dos registros para análise e a elaboração de hipóteses e objetivos relevantes que irão estruturar a ideia central dos dados obtidos (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011).

A segunda fase é caracterizada pela descoberta da relação entre os fenômenos, e consistem na organização dos dados coletados por meio da codificação, classificação e a categorização, possibilitando interpretações e inferências ao tema em estudo. Nessa etapa é realizada a revisão e nomeação dos temas oriundos do conjunto de dados coletados, com

embasamento na literatura disponível (BRAUN; CLARKE, 2006; MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011).

Na terceira e última fase da análise, a generalização da realização é voltada para o tratamento dos resultados, sendo realizada a análise de trechos pertinentes da literatura, a relação existente entre eles e com as questões que norteiam a pesquisa e a literatura, produzindo assim, o relato acadêmico da análise da temática indutiva (BRAUN; CLARKE, 2006; MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011).

Destaca-se que, para garantir o sigilo com relação as entrevistas do presente estudo, os alunos participantes foram caracterizados como sua denominação de Discentes (D) e enumerados com algarismos arábicos. Nessa diretiva, foram referenciados de D1 a D26.

6 CRITÉRIOS ÉTICOS

O projeto foi aprovado pelo CEP com Seres Humanos vinculado a Pró-reitora de Ensino, Pesquisa e Extensão do [REDACTED] em consonância com o protocolo CAAE [REDACTED] sendo assim respeitadas as questões éticas relacionadas a seres humanos, de acordo com a Resolução Nacional de Saúde (CNS) 466/12.

Em conformidade com o CNS 466/12, os discentes de enfermagem foram previamente esclarecidos acerca dos objetivos da pesquisa e da garantia de sigilo e anonimato, tendo sua participação neste estudo assegurada por meio da assinatura do TCLE. Posteriormente ao cumprir o protocolo ético, deu-se início a coleta de dados.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para que ocorresse a realização da análise do objeto deste estudo, destacou-se a sistematização da assistência de enfermagem e o processo de enfermagem como ferramentas indispensáveis na prática profissional do enfermeiro, visto que, quando desenvolvidas de forma integral são capazes de gerar inúmeros benefícios tanto para os enfermeiros assim como para os pacientes. Dessa forma, evidencia-se que o bom êxito da execução das mesmas está diretamente relacionado ao aprendizado eficaz desde a formação acadêmica.

Nessa direção, a execução da SAE e do PE, será elucidada frente ao conhecimento e a percepção de discentes de enfermagem durante o período da graduação, assim com as facilidades, dificuldades e estratégias para um melhor aprendizado e aplicabilidade.

Desse modo, por meio dos depoimentos dos acadêmicos de enfermagem, participantes desta pesquisa, foi realizada a construção de quatro grandes categorias, dentre elas: Desvelando o significado da SAE na óptica dos discentes; Facilidades da SAE na práxis do profissional enfermeiro; Dificuldades do aprendizado do discente na aplicação da SAE e Estratégias na percepção do discente para a melhoria do aprendizado da SAE nos centros formadores.

A primeira categoria retrata sobre o desvelar do significado da SAE na óptica dos discentes, ocorrendo a divisão em duas subcategorias, sendo elas: Conhecimento da SAE no processo acadêmico e A SAE como respaldo profissional do enfermeiro. A segunda categoria aborda as facilidades da SAE na práxis profissional do enfermeiro, apresentando também duas subcategorias, tais como: Benefícios da SAE na percepção dos discentes e Facilidades para o aprendizado da SAE durante o processo de formação acadêmica.

Com relação a terceira categoria que foi denominada como dificuldades do aprendizado do discente na aplicação da SAE, persistindo também a presença de duas subcategorias elencadas como: Receios e anseios no aprendizado da SAE e Dicotomia entre teoria e a prática. Por último, destaca-se a quarta categoria que diz respeito às estratégias na percepção do discente para a melhoria do aprendizado da SAE nos centros formadores, retratando duas subcategorias, denominadas como: Estratégias para o desenvolvimento da SAE em simulações realísticas no âmbito acadêmico e Estratégias para o desenvolvimento da SAE em lócus da prática profissional.

Posteriormente, foi realizado uma caracterização dos acadêmicos participantes do estudo, sendo considerados 26 discentes do curso de enfermagem. Dentre esses discentes, pode-se afirmar que houve uma predominância do sexo feminino (23), representando um percentual de 88,46% dos participantes, sendo o sexo masculino (3) equivalente à 11,54%. Com relação a

idade, houve uma variação entre 21 a 39 anos, sendo que 19 discentes possuíam idade de 22 a 26 anos (73,05%). Todos os participantes (26) realizavam apenas o Curso de Graduação de enfermagem, sendo que destes, 22 ingressaram na Universidade no ano de 2018 e quatro no ano de 2017.

Com relação ao quesito atuação na área de saúde, 14 acadêmicos referiram já estarem inseridos no campo de trabalho, o que equivale a um percentual de 53,85%, ocupando cargos variados, tais como de técnicos de enfermagem (8), cuidadores de idosos (2), agente comunitário de saúde (1), auxiliar administrativo (1), esteticista (1) e faturista (1). Cabe ressaltar ainda, que dos 26 discentes participantes deste estudo 9 são técnicos de enfermagem, sendo um formado a 15 anos, um a 14 anos, um a 12 anos, e os demais entre 6 a 10 anos de formação.

7.1 DESVELANDO O SIGNIFICADO DA SAE NA ÓPTICA DOS DISCENTES

A SAE visa nortear o cuidado ofertado ao cliente, sendo fundamentada em embasamentos científicos de forma a possibilitar a aplicação do Processo de Enfermagem. Assim, tem por objetivo organizar a assistência de enfermagem, fazendo com que o paciente receba uma assistência individualizada e contextualizada.

Conforme a Resolução do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) N. 358/2009, a SAE e o Processo de Enfermagem são ações privativas do profissional enfermeiro, que devem ser implementadas em qualquer ambiente, seja público ou privado, em que é ofertado o cuidado de enfermagem (BARRETO et al., 2020). Tal resolução é essencial para o conhecimento dos profissionais de enfermagem, visto que o entendimento amplo da mesma pode facilitar em sua aplicação, possibilitando a autonomia do profissional enfermeiro, como também segurança ao realizar seu trabalho e um serviço de excelência ao cliente (SOUZA et al., 2020).

Nesse contexto, sabe-se que o aprendizado eficaz da SAE desde a formação acadêmica é essencial para que os discentes de enfermagem estejam preparados para ofertar um serviço qualificado, em que a SAE e o PE sejam aplicados de forma satisfatória. Nessa perspectiva, a presente categoria é constituída por duas subcategorias. A primeira visa o conhecimento dos discentes de enfermagem sobre a SAE no processo acadêmico e, a segunda subcategoria, que discorre sobre a SAE como respaldo do profissional enfermeiro.

7.1.1 Conhecimento da Sistematização da Assistência de Enfermagem no processo acadêmico

Por longos períodos a enfermagem foi vista apenas como uma vertente do cuidado, sendo diversas vezes notada até mesmo como um dom, um saber empírico. Com o passar dos anos, Florence Nightingale, pioneira da Enfermagem Moderna, foi em busca pelo conhecimento e pelo aprendizado, concedendo sua sapiência por meio do ensinamento teórico e prático (LUCIO, 2022).

Diante disso, compreende-se que o conhecimento na enfermagem passou por inúmeras mudanças até os dias atuais, sofrendo fortes influências de movimentos históricos. No Brasil, o início da formação de enfermeiros ocorreu pela Escola profissional de enfermeiros e enfermeiras no Rio de Janeiro, que visava a formação de profissionais para ocuparem a função de religiosos em hospitais militares, civis, possuindo um modelo biomédico e hospitalocêntrico. Posteriormente, ocorreram novas mudanças, com o intuito de contribuir com a reforma sanitária sendo esta adotada pela Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, conhecida tardiamente como Escola Ana Nery (LUCIO, 2022).

Coaduna-se que, a assistência de enfermagem depende de uma busca incessante de conhecimentos, assim como de um alicerce teórico e prático, para que o profissional enfermeiro direcione sua equipe a fim de ofertar um atendimento proficiente ao paciente (OLIVEIRA, et al., 2019). Nessa direção, por meio da reforma sanitária houveram muitas transformações ocasionadas tanto no âmbito assistencial, assim como no ensino na enfermagem. Sendo evidente a necessidade de se reestruturar a formação dos graduandos de enfermagem, ocorrendo muitas mudanças até a implantação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Enfermagem (DNC) (LUCIO, 2022).

Frente a essas premissas, as incontáveis transformações ao longo do tempo, viabilizaram a preparação de futuros profissionais enfermeiros capacitados e eficientes, que tenham comprometimento, sendo necessário o processo de construção desde a formação acadêmica, visto que uma preparação de excelência resultará de forma direta na qualidade e melhoria dos serviços de saúde.

Destarte, é evidente o quão o conhecimento solidificado é de suma relevância na formação do enfermeiro, sendo esse profissional o protagonista dos sistemas de saúde. Dessa forma, o saber em relação a SAE e ao PE é fundamental para que seja ofertada uma assistência integral, visando as necessidades do paciente (SPRINGER, 2019).

Compreende-se que a SAE é um método científico que permite organizar e metodizar o cuidado que será ofertado. Esta, por sua vez, é fundamental na gerência da assistência, permitindo que os serviços prestados sejam planejados, executados, avaliados, ocorrendo de forma assertiva e eficaz (FONTES et al., 2022; SANTOS et al., 2019).

Nesse contexto, a SAE como um instrumento gerencial, viabiliza a realização do PE, permitindo que o enfermeiro gerencie e administre a assistência a ser prestada. Com isso, desenvolve seu raciocínio clínico e pensamento crítico, colocando todo seu embasamento científico em prática a fim de gerar uma oferta de serviços de qualidade, tanto no trabalho em equipe, como no cuidado executado (SANTOS et al., 2019; MOSER et al., 2018).

No entanto, ainda que se reconheça o quão importante seja a aplicabilidade da SAE e seus benefícios em todos os serviços de saúde, é percebido um déficit na sua realização, e este impasse ocorre desde a formação acadêmica refletindo diretamente na integralidade da assistência (LIMA et al., 2021). Nessa direção, é perceptível até mesmo após o término da graduação, onde os enfermeiros apresentam dúvidas e conflitos a respeito da SAE, fazendo com que a mesma seja negligenciada, ou realizada de forma fragmentada (ROCHA et al., 2019; SOARES et al., 2015).

Por conseguinte, por mais que ainda exista diversos questionamentos a respeito da aplicabilidade da SAE e com relação ao seu conceito, há inúmeras definições sobre o seu conceito, o que dificulta o seu conhecimento e entendimento de forma clara (SANTOS; VALADARES, 2022).

Diante disso, conhecer e aprimorar os conhecimentos sobre a SAE desde a formação acadêmica é essencial para que ao exercer na prática a assistência de enfermagem seja possível realizar o cuidado de maneira sistematizada. Nesse sentido, evidenciou-se por meio dos relatos dos discentes de enfermagem, participantes do estudo, que o conhecimento claro sobre a SAE é de real importância para a sua aplicação desde a trajetória acadêmica, assim como a carreira profissional:

“[...] ao meu ver como estudante, a SAE eu entendo que é um processo muito complexo, para a SAE ser implantada, a pessoa tem que realmente entender a SAE a fundo, entender todas as etapas, entender quais são os benefícios que ela vai trazer, e também a pessoa tem que entender quais são os riscos que ela enfrenta quando ela não implementa a SAE. Então ao meu ver, a parte mais difícil é ela entender verdadeiramente como que funciona a SAE, para estar colocando em prática”. (D1)

“[...] eles são muito importantes para o enfermeiro, porque de certa forma eles vão organizar, deixar o trabalho do enfermeiro de forma mais organizada, mais sistematizada”. (D2)

“[...] o meu conhecimento dentro da matéria, que foi dada na graduação, é que todo trabalho de enfermagem, onde tenha a enfermagem tem a sistematização de enfermagem. Então, independentemente de onde eu trabalhar, e do que eu for fazer, eu preciso ter conhecimento do processo de enfermagem que está dentro da sistematização da assistência, e saber uma sistematização da assistência, ver o paciente como um todo, saber olhar ele em todas as questões. Tanto no início na anamnese, quando vou ver quem é o paciente, o que ele tem, o que eu posso oferecer

para ele, quanto na evolução do paciente eu preciso sistematizar o meu cuidado para dar um melhor resultado”. (D4)

“[...] A SAE é uma forma de organizar a assistência de enfermagem, e dentro da SAE tem diversas ferramentas para ajudar na organização da assistência de enfermagem, não só na assistência, mas também no gerenciamento”. (D6)

“[...] já é parte mesmo da sistematização, onde você aplica Fugulin para delimitar a equipe ali, você faz a sua supervisão, não deixa o serviço fragmentado de cada profissional, acho que é isso”. (D7)

“[...] A sistematização da assistência de enfermagem, engloba tanto o processo de enfermagem, quanto outras, vamos dizer técnicas que vão deixar o trabalho do enfermeiro sistemático, para gente seguir linhas, uniformizar o jeito da gente [...]”. (D8)

“[...] eu acho que a SAE ela ajuda tanto o enfermeiro quanto o paciente. Que o enfermeiro conhece, procura saber do diagnóstico do paciente, para procurar intervenções para o paciente, ver a evolução [...]”. (D11)

Frente aos depoimentos apresentados, fica evidente que a SAE é um instrumento de orientação no cuidado de enfermagem, como também um método que facilita o processo de enfermagem, ocasionado benefícios tanto para os pacientes, quanto para o bom desempenho da equipe.

Partindo dessa premissa, é notório destacar que os relatos dos discentes desta investigação vem de encontro com o estudo de Meneses (2019), em que o mesmo afirma que os acadêmicos de sua pesquisa apontaram a importância, assim como a imprescindibilidade da SAE como uma ferramenta científica que norteia e direciona o profissional de enfermagem.

Nesse interim, a SAE é apontada ainda como uma ferramenta de suma importância que contribui na gerencia da assistência do enfermeiro, proporcionando uma assistência de forma integral a fim de ofertar a segurança do paciente e a autonomia do profissional (SANTOS et al., 2019; PEREIRA et al., 2017).

Outro quesito importante, é o fato de os discentes evidenciarem que os profissionais precisam ter em mente os benefícios ao realizarem a SAE, quanto os riscos ao não aplicarem a SAE de forma coerente, como foi retratado na fala a seguir:

“[...]entender quais são os benefícios que ela vai trazer, e também a pessoa tem que entender quais são os riscos que ela enfrenta quando ela não implementa a SAE [...]”. (D1)

Acrescido a essa questão, evidencia-se alguns estudos que apontaram indagações de diversos enfermeiros a respeito do conhecimento e benefícios da SAE e do PE durante o cotidiano da prática de enfermagem (MARTINS et al., 2020; MOSER et al., 2018). Nessa

diretiva, cabe enfatizar o quão importante é para o profissional desde sua formação acadêmica possuir um conhecimento solidificado a respeito dessas ferramentas, para desempenhá-las de forma eficaz. Todavia, o não conhecimento da mesma poderá desencadear o menosprezo da sua real importância, gerando resultados insatisfatórios da sua não aplicabilidade, o que consequentemente ocasionará a perda da autonomia do enfermeiro, tanto frente ao paciente assim como de sua equipe (MENESES et al., 2019).

A SAE ainda, como já supracitado, possibilita e facilita a operação do PE, sendo este um grande aliado, auxiliando na prestação da assistência, promovendo ao enfermeiro a construção de raciocínio clínico, julgamentos clínicos, decisões assertivas e intervenções. Por sua vez, o PE é composto por cinco etapas, dentre elas, o histórico de enfermagem, diagnóstico de enfermagem, planejamento das ações de enfermagem, implementação das ações ou intervenções e avaliação de enfermagem. Podendo assim ratificar que ambos estão diretamente interligados e são imprescindíveis ao enfermeiro (LIMA et al., 2021; RIBEIRO et al., 2018; COFEN, 2009).

Acerca da relevância desse assunto, nos depoimentos a seguir, é perceptível a integração da SAE e do PE, assim como um entendimento também com relação aos seus significados, sendo evidenciado a todo tempo que o processo está ligado as cinco etapas que facilitam a assistência a ser prestada, e a SAE estando mais diretamente ligada ao gerenciar, organizando todo o processo de trabalho.

“[...] a SAE não é, processo de enfermagem não é SAE [...] os dois não são sinônimos, o processo está na SAE”. (D6)

“[...] o processo de enfermagem são aquelas cinco etapas né, que é o histórico, anamnese, é o diagnóstico de enfermagem, planejamento, intervenção e avaliação[...]”. (D8)

“[...]a SAE, eu sei que é a sistematização de enfermagem, ela é usada para gente orientar, utilizando as ferramentas do processo de enfermagem [...] para o próprio enfermeiro ter autonomia, para diagnosticar, fazer implantação de intervenções sabe, conhecer né, tratar o paciente de forma integral”. (D19)

“[...] eu acredito que SAE e o processo acabam que andam juntos. O processo vai mais nortear a assistência de enfermagem, em relação aos diagnósticos, as intervenções que vão ser aplicadas para o paciente [...] E avaliação também desses resultados. E a SAE é mais aquele processo gerencial do enfermeiro, mas os dois eles andam juntos, tanto na assistência quanto na gerência da enfermagem [...] muitos acham que os dois são a mesma coisa, só que eles são diferentes, porém se complementam”. (D20)

“[...] Processo de enfermagem, eu entendo [...] como uma dinâmica de atuação do enfermeiro, para buscar o melhor, os melhores processos para aquele paciente, as melhores formas de recorrer aos instrumentos, a melhor forma [...] para atender mesmo o paciente de uma forma bem sucedida e alcançar os objetivos, que é a

recuperação de todo paciente. Então o processo eu entendo como uma organização de atendimento. [...]”. (D26)

É notório enfatizar que os discentes possuem o conhecimento entre as peculiaridades da SAE e do PE, sabendo que ambos se complementam, mas não são iguais. Portanto, pode-se afirmar que ainda se encontram algumas lacunas entre o compreender de ambas ferramentas, gerando em alguns acadêmicos dúvidas com relação a suas definições e diferenças.

“[...] Processo de enfermagem tem as cinco etapas, que facilita o trabalho. E a sistematização eu não sei falar muito bem o que é, sei que engloba o processo de enfermagem com as etapas e deixa um trabalho, vamos dizer mais organizado, mais sistematizado”. (D9)

“[...] SAE é a sistematização da enfermagem, eu entendo que tipo assim, as etapas, a anamnese, exame físico, diagnóstico, traçar um diagnóstico, depois a gente conseguir traçar um planejamento adequado, de acordo com o problema”. (D15)

Frente a isso, a não definição clara entre a SAE e o PE, pode ocasionar conflitos que envolvem a teoria e a prática, gerando déficits na execução destes, assim como a sua aplicação de forma fragmentada ou a não aplicação das mesmas. Nesse interim, cabe destacar a importância do esclarecimento durante a graduação em relação ao PE e suas etapas, assim como da SAE, visto que estes por sua vez são competências do profissional enfermeiro, sendo essencial a busca por habilidades em executá-los (FERREIRA et al., 2021).

Por conseguinte, é esperado que o ensino da SAE e do PE continue sendo abordado de forma clara e eficiente, fazendo com que os graduandos absorvam um aprendizado satisfatório que lhes permitam executar futuramente ambos instrumentos de maneira eficaz. Desse modo, é preciso que os docentes sanem as dúvidas, bem como as lacunas entre a prática e a teoria, para que ao compreender o quão importante é a aplicação da SAE e do PE, os futuros enfermeiros os executem viabilizando a melhoria da qualidade da assistência, assim como do trabalho em equipe e até mesmo do reconhecimento da enfermagem (MENESES et al., 2019).

7.1.2 A SAE como respaldo profissional do enfermeiro

Com as evoluções tecnológicas, os campos da saúde perceberam a necessidade de desenvolver-se em consonância com os avanços da sociedade. Nesse sentido, a enfermagem por possuir como atribuição o cuidado para com o paciente, confronta-se com o desafio da busca pelo desenvolvimento de toda a sua equipe, visando sua modernização, cientificidade e fundamentação, para que ocorra uma assistência e cuidado qualificado (MENEZES; PRIEL; PEREIRA, 2011).

Coaduna-se que a enfermagem contemporânea vem buscando o desenvolvimento de seus conhecimentos por meio de avanços e pesquisa científicas, almejando o seu reconhecimento como uma profissão não subordinada a outras, e desconstruindo inúmeros estereótipos adquiridos ao decorrer do tempo (PEREIRA et al., 2022).

Dessa forma, os mesmos autores evidenciaram em seus estudos que, a enfermagem mesmo na atualidade, inúmeras vezes é considerada uma profissão subordinada ao profissional médico, que possui pouca visibilidade, autonomia e valor. No entanto, o mesmo estudo apresenta também o alcance de uma visão positiva e significativa para a enfermagem, relacionando esta como uma classe competente, eficiente e profissional (PEREIRA et al., 2022).

Nesse sentido, é evidente o quão necessário se faz com que a enfermagem continue a buscar de forma incessante a sua valorização enquanto profissão, desconstruindo a visão que se tem da mesma, que por diversas vezes, é influenciada por marcas históricas. Com isso, essa desconstrução está diretamente correlacionada aos conhecimentos inerentes da profissão, sendo a cientificidade a melhor maneira de empoderamento do profissional enfermeiro, para alcançar ainda mais autonomia em seu processo de trabalho (SANTOS; MONTEZELI; PERES, 2012).

Nessa perspectiva, a práxis profissional do enfermeiro exige raciocínio clínico e tomadas de decisões assertivas, visto que este profissional é considerado um pivô dos sistemas de saúde, sendo capaz de influenciar de forma direta no contexto do cuidado e bem estar do paciente desde o âmbito hospitalar a atenção primária.

Diante disso, é essencial conhecer a maneira com que ocorre a organização do trabalho na enfermagem, a fundamentação teórica e prática que a sustenta, assim como os atores que devem realiza-la. Nessa direção, conforme a Resolução 358 de 2009 do COFEN, a forma organizacional dos profissionais de enfermagem deve prezar o método, o pessoal e os instrumentos, elementos estes envolvidos na Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) (SANTOS; VALADARES, 2022).

Com isso, a SAE é um instrumento privativo do enfermeiro que pode proporcionar a organização do trabalho e a viabilização do processo, permitindo ao profissional o desenvolvimento do aprendizado teórico-prático-científico com humanidade, além de possibilitar a integralidade, a individualidade e a sistematização do trabalho. Dessa forma, contribui para que ocorra um gerenciamento das tarefas refletindo diretamente para uma assistência eficaz e até mesmo com a valorização do enfermeiro, sendo essa essencial para a prática da assistência de enfermagem (SANTOS et al., 2019; MENESES et al., 2019).

Por conseguinte, a Resolução 358/2009 retrata que a mesma é privativa do enfermeiro, devendo ser desenvolvida em qualquer ambiente onde ocorra cuidados do profissional da

enfermagem. Nesse contexto, a aplicação da mesma permite ao enfermeiro coerência, relevância e autonomia, tendo como premissa estar em consonância com a Lei do Exercício Profissional (LIMA et al., 2021).

Destarte, ressalta-se que o enfermeiro exerce inúmeras funções no sistema de saúde, desde assistenciais a gerenciais, sendo a SAE determinante para organização dessas funções. Dessa maneira, evidencia-se que a mesma permite ao profissional lapidar competências inerentes a sua profissão como tomada de decisão, trabalho em equipe, dimensionamento de pessoal, comunicação, liderança, entre outras.

Relacionado a isso, cabe destacar, como citado anteriormente, que a SAE possui três pilares, dentre eles, o método, o pessoal e os instrumentos. Com relação ao método, pode se destacar que está diretamente vinculado ao PE; o pessoal a equipe, gestão de pessoas e dimensionamento, podendo ser mencionado como uma competência do enfermeiro. Nessa direção, quando se leva em consideração os instrumentos, pode-se relacioná-lo com as ferramentas que auxiliarão nos processos de trabalho do enfermeiro e sua equipe, como regimentos internos, protocolos assistenciais, Procedimentos Operacionais Padrão (POP), prontuários, dentre outros (SANTOS et al., 2021).

Assim, em conformidade com Barreto et al. (2019), o conhecimento e a aplicação da SAE juntamente com o PE, quando de maneira arraigada irão influenciar de forma direta a importância que os profissionais de enfermagem terão com relação as documentações inerentes à profissão. O que se apresenta em concordância com um estudo de revisão da literatura realizada por Cercilier et al. (2021), em que os autores afirmam que quando ocorre a utilização da SAE de forma assertiva, é precípua evoluções positivas nas anotações de enfermagem.

Para tanto, em consonância com a Resolução 429/2012 do COFEN, advoga-se que é atribuição da enfermagem realizar os registros referentes aos processos assistenciais e gerenciais nos documentos cabíveis, podendo citar como exemplo os prontuários do paciente. Nessa direção, segundo o COFEN, os registros de enfermagem quando realizados de maneira assertiva, proporcionam um cuidado holístico e individual, sendo ainda um meio de comunicação entre a equipe, assim como podendo ser considerado um documento em conformidade jurídica, que respalda tanto o profissional como o paciente (BARRETO et al., 2019).

Nesse interim, um ponto importante a ser destacado no estudo de Barreto et al. (2019), é o fato de os profissionais de enfermagem mesmo reconhecendo a importância de se realizar os registros de enfermagem, inúmeras vezes não o fazem de forma assertiva. Diante desse

impasse, um quesito apontado como dificultador é o gerenciamento do trabalho referente ao ônus do serviço e ao dimensionamento de pessoal (BARRETO et al., 2019).

No entanto, é notório que essas problemáticas estão interligadas de forma direta a realização da SAE, inferindo que, quando realizada a sistematização, o enfermeiro consegue realizar um dimensionamento de pessoal eficaz, diminuindo a sobrecarga, bem como, conseqüentemente, oferta um serviço de qualidade (BARRETO et al., 2019).

Frente a isso, cabe enfatizar que quando o enfermeiro aplica a SAE e reconhece realmente a sua importância, a mesma o possibilita segurança ao atuar, visto que ao realizá-la de forma integral o profissional se encontra amparado, estando assim em consonância com o seu conselho (COFEN) e com a Lei do Exercício Profissional.

Desse modo, por meio dessas assertivas a respeito da SAE, como também levando em consideração a sua atuação de forma coerente e fundamentada na cientificidade, os discentes participantes desse estudo evidenciaram em seus depoimentos o quanto essa metodologia norteia o processo de trabalho do enfermeiro, dando subsídios para uma assistência mais qualificada e contextualizada ao paciente:

“[...] é um instrumento que nos norteia para poder realizar, implementar as práticas, e exercer o que é nosso, da nossa profissão”. (D17)

“[...] as facilidades é que como acadêmicos, temos que perceber que a partir do momento que realizamos a SAE, o processo de enfermagem, estamos coesos em nosso trabalho, respaldados em nosso trabalho”. (D21)

“[...] a partir do momento que você coloca em prática, você está respaldado.” (D21)

Diante desses apontamentos, é evidente a percepção dos discentes de enfermagem a respeito da SAE como um instrumento essencial para o enfermeiro, visto que como explanado pelos discentes participantes da investigação, é um instrumento inerente a profissão, algo que norteia, assim como ampara o profissional, além de trazer melhorias para a assistência prestada.

Nesse sentido, cabe ratificar que a SAE permite a aplicabilidade do conhecimento científico proporcionando um amparo para o profissional, visto que ao fazer o uso da mesma realiza-se cuidados ao paciente instrumentalizados na cientificidade (SANTOS; MONTEZELI; PERES, 2012).

Outro fato que cabe enfatizar, é que a aplicação da SAE permite ainda o reconhecimento da enfermagem, seja pelos colegas da equipe, como pelo paciente e familiares, visto que a mesma proporciona uma assistência integral, o que gera resolutividade dos problemas e qualificação da assistência (FONTES et al., 2022).

Nesse sentido, é perceptível por meio dos relatos dos discentes que a SAE quando aplicada de forma correta e não fragmentada ocasiona inúmeros benefícios, permitindo a equipe desempenhar um trabalho em sintonia, possibilitando o reconhecimento e amparo do profissional.

“[...] tanto a SAE quanto o processo, vão ajudar o enfermeiro, a equipe em si, a ofertar um trabalho de forma integral ao paciente, gerando uma melhor assistência ofertada, trazendo também um respaldo ao profissional que está ofertando uma assistência de qualidade[...]”. (D1)

Acerca da relevância desse assunto, é notório enfatizar que por meio da SAE, os enfermeiros podem lapidar seus conhecimentos, assim como associa-los a prática profissional, o que gera autonomia e confiança ao profissional, e um cuidado de qualidade ao paciente. Visto ainda, que a mesma também irá auxiliar o profissional a realizar suas atribuições como liderança, execução e avaliação do PE, tendo respaldo juntamente com o seu Conselho Profissional (SANTOS et al., 2021; SANTOS; MONTEZELI; PERES, 2012).

7.2 FACILIDADES DA SAE NA PRÁXIS PROFISSIONAL DO ENFERMEIRO

A enfermagem é marcada por dois aspectos interrelacionados, o conhecimento e a práxis, que estão relacionados a prática e ao cuidado propriamente dito realizado pela equipe de enfermagem. Assim, cabe evidenciar que na práxis do enfermeiro o conhecimento é a parte essencial para a assistência, viabilizando com que esta ocorra de forma mais assertiva, competente e eficaz (VALE; PAGLIUCA; QUIRINO, 2009).

Nessa direção, a SAE apresenta-se como uma ferramenta basilar ao profissional da enfermagem, oportunizando uma assistência não mais marcada pelo empirismo, mas sim em fundamentos científicos, adquiridos por meio da busca pelo conhecimento (SANTOS et al., 2019; MENESES et al., 2019). Acrescido a isso, ratifica-se que SAE é um instrumento essencial para o profissional enfermeiro, permitindo a viabilização do PE, assim como o planejamento e a organização dos serviços de enfermagem, sejam eles assistenciais ou gerenciais.

Destarte, por meio da aplicação da SAE, o enfermeiro possui a abertura de conhecer o paciente de forma individual, conduzir os cuidados prioritários e ofertar uma assistência integral, além da mesma possibilitar com que a gerência deste profissional ocorra de forma correta e efetiva (BARRETO et al., 2020). Com isso, vale enfatizar que a SAE é um instrumento primordial da prática da enfermagem, fazendo total diferença na assistência e na gerência de

enfermagem. Frente a essa premissa, faz-se necessário que o seu conhecimento ocorra de forma persuasiva e clara desde a graduação, para que na práxis profissional, o enfermeiro esteja preparado para desenvolvê-la em seu serviço reconhecendo assim as benfeitorias que a mesma ocasiona.

Desse modo, esta categoria é composta por duas subcategorias. Na primeira, será analisado sob a ótica dos discentes de enfermagem os benefícios da SAE, e na segunda subcategoria será abordado as facilidades para o aprendizado da SAE durante o processo de formação acadêmica.

7.2.1 Benefícios da SAE na percepção dos discentes

Sabe-se que as instituições de saúde ofertam serviços de elevada complexidade, em que há a existência de recursos assistenciais e administrativos, elementos estes essenciais para a organização do trabalho. Somado a isso, há tempos o enfermeiro tem assumido um papel gerencial nos mais variados âmbitos de saúde, sendo este um profissional imprescindível para encadear as diversas categorias presentes no ambiente laboral e conformar as equipes de enfermagem (SOARES et al., 2015).

O gerenciamento da assistência de enfermagem é bem complexo requerendo do enfermeiro incomensuráveis aptidões, sejam elas referente ao intelecto ou a prática. Nessa diretiva, cabe afirmar que o ato de gerenciamento de enfermagem é exclusivo do enfermeiro, o que exige dos mesmos ações organizadoras de planejamento, coordenação, execução e avaliação da assistência. Nesse interim, pontua-se que o processo de trabalho do enfermeiro compõe-se de diversas esferas, tais como, assistenciais, administrativas, gerenciais, além das relacionadas a campos de pesquisa e conhecimento (FRATIN, 2019).

Diante dessas assertivas, elenca-se algumas ações como a gestão de pessoas e a ordenação dos afazeres gerenciais como determinantes para o alcance de um processo assistencial irrepreensível. Destaca-se os instrumentos gerenciais como o planejamento, a educação continuada ou permanente, o dimensionamento pessoal, a supervisão, a avaliação, entre outros. Evidencia-se, dessa forma, que o profissional de enfermagem necessita buscar meios de trabalhar suas habilidades para realizar o uso de instrumentos e táticas gerenciais, almejando a qualificação do cuidado ofertado ao cliente, como também o contentamento do pessoal de enfermagem e da instituição (FRATIN, 2019).

Nessa direção, pode-se mencionar a SAE como uma importante ferramenta gerencial para a enfermagem, visto a mesma e seus esteios colaboram no quesito organizacional da

assistência, além de corroborar ainda com a liderança do enfermeiro (SANTOS; VALADARES, 2022).

Resgatando um pouco a história, a SAE surgiu no início do século XX alinhada as Teorias da Administração do período, herdando um pouco do mecanicismo proposto por Taylor, o que levou a utilização da divisão do trabalho para desempenhar a assistência, utilizando-se de regras, guias e escalas. Diante disso, notou-se uma fragmentação entre os acontecimentos do meio e o funcionamento da organização do trabalho, sendo necessário a busca por novas perspectivas da administração para o desenvolvimento da assistência de forma integral (TONIOLO; PERES; MONTEZELI, 2022).

É precípua, que a SAE surgiu há um longo período e já vem sendo apresentada nas academias também há alguns anos, no entanto, ainda assim somente após a legalização da mesma que ocorreu a priori, por meio da resolução do COFEN N. 272/2002, e atualmente regida pela resolução N. 358/2009, que foi exigida a sua aplicação em todos os ambientes onde ocorram a assistência de enfermagem. No entanto, ainda que a atual resolução exija a sua aplicabilidade, nem sempre a mesma compõe a assistência de enfermagem, e quando a compõe é realizada de maneira fragmentada (SOARES et al., 2015; SANTOS, 2014).

Diante dos pressupostos apresentados, segundo um estudo realizado por Soares et al., (2015), inúmeras vezes a não aplicação da SAE na práxis do enfermeiro ocorre por diversas razões como a falta de treinamento, o desconhecimento da mesma, o seu aprendizado com estratégias dissemelhantes ou até mesmo os contextos institucionais, o que ocasiona a imparcialidade e não aceitação com relação a sua implantação.

Em consonância um outro estudo relata que alguns enfermeiros afirmam que ouviram falar da SAE, todavia, de forma bem incipiente não realizando uma matéria específica, o que evidencia um aprendizado superficial e não metodizado, refletindo de forma direta no reconhecimento desta metodologia como uma ferramenta facilitadora do trabalho do enfermeiro (MOSER et al., 2018; SANTOS, 2014).

Contudo, apesar dos empecilhos apresentados acerca da SAE, é de suma importância ratificar a sua extrema relevância para a equipe de enfermagem, assim como seu impacto positivo na assistência que será ofertada aos clientes e também nas repercussões benéficas para a instituição. Assim, cabe afirmar que o enfermeiro é essencial na implementação da SAE, sendo indispensável que o mesmo a conheça e esteja em constante busca de conhecimento para conseguir desenvolvê-la de forma integral, envolvendo e instigando toda sua equipe a respeito das benesses da mesma (SANTOS et al., 2019).

Face a essa premissa, estudo realizado por Báfica et al. (2021) explana que, por meio da SAE, as atribuições do profissional enfermeiro são ratificadas como basilares, além de os pacientes reconhecerem um cuidado integral destinado a eles. Nessa direção, outro estudo em que ocorreu uma revisão da literatura, foi relatado que inúmeros artigos em consonância, afirmam que a aplicabilidade da SAE está diretamente relacionada as melhorias ocorridas no cuidado ofertado ao paciente, uma vez que é individual, integral e resolutiva (CERCILIER et al., 2021). O que foi desvelado pelos discentes da presente pesquisa:

“[...] depois que a gente aplica a SAE é até mais fácil de conhecer o paciente, entender, buscar intervenções para ajudar o paciente”. (D11)

“[...] eu achei interessante, porque quando você aplica a SAE, o processo de enfermagem, você consegue atender bem o paciente, porque você vai saber qual a conduta que aquela paciente está precisando”. (D23)

“[...] é a busca pela melhoria ali do cuidado prestado a esse paciente [...] é um instrumento que a gente tem que nos norteia para poder realizar, implementar as práticas, e exercer o que é nosso, da nossa profissão”. (D17)

Acerca desses depoimentos, é notório enfatizar como a SAE viabiliza também que assistência seja ofertada com mais qualidade e individualidade, sendo indispensável no cuidado ofertado ao paciente.

Dessa forma, para que a SAE seja valorizada, faz-se necessário o seu conhecimento de forma ampla e aprofundada desde a graduação, para que assim o futuro enfermeiro a reconheça como essencial no seu exercício de trabalho. Isso se dá, visto que ao ser desenvolvida desde o início da graduação, este conhecimento possibilita uma visão ampla, conseguindo a associação dos conhecimentos das disciplinas, assim como aos mais diversos contextos, além de trabalhar o raciocínio clínico e o pensamento crítico, permitindo um olhar holístico ao paciente. O que se apresenta de forma evidente no depoimento do discente participante D1 do presente estudo:

“[...] com a SAE, quando a gente faz por exemplo a disciplina de saúde da mulher, a gente consegue entender o paciente de maneira integral, seja na coleta de dados, quando a gente está avaliando o histórico do paciente, na hora que a gente vai implementar os diagnósticos de enfermagem, implementar todas as intervenções, depois para avaliar. Quando a pessoa tem a disciplina de SAE, sabe entender, ela consegue, é, ter uma maior autonomia, uma dinâmica a ser seguida [...] eu acredito que além de toda teoria ela é muito importante para gente como alunos, futuros enfermeiros [...]”. (D1)

Diante desse apontamento, enfatiza-se a importância da SAE desde o início da formação acadêmica, visto que dessa forma os graduandos conseguirão reconhecer a relevância da SAE,

assim como associá-la a outras disciplinas, desenvolvendo desde já um olhar crítico e apurado, além de desempenhá-la de maneira eficaz em outros conteúdos abordados durante a formação.

Nessa direção, uma pesquisa desenvolvida por Santos et al. (2019) evidencia que muito dos participantes reconhecem o significado da conceituação da SAE, porém no tocante as suas incontáveis benesses, é perceptível uma dificuldade em relatar, o que inúmeras vezes impossibilita o consentimento da equipe em aceitá-la. Em um outro estudo, discentes afirmaram que o aprendizado da SAE despertou maior contentamento com relação ao préstimo do estágio, permitindo a oferta de um cuidado individual, planejado, organizado e fundamentado na cientificidade, concedendo-lhes subsídios para que tivessem maior confiança ao traçarem os cuidados de enfermagem (GONÇALVES et al., 2007).

Desse modo, afirma-se que a academia de enfermagem é responsável por proporcionar o aprendizado da SAE, de maneira que esta seja regularmente abordada para que dessa forma o acadêmico ao aplicar seu exercício profissional seja capaz de desempenhar suas aptidões e habilidades (MOURA et al., 2021; ROCHA et al., 2019). Diante disso, é sabido que a SAE facilita o processo de trabalho do enfermeiro, visto que a mesma possibilita o uso de processos pluridisciplinares, assim como da humanização para com os pacientes (SANTOS et al., 2019; SANTOS, 2014). Nessa direção, proporciona ao profissional realizar o seu trabalho com maior propriedade, maestria e autoridade, assim como afirmado pelo discente participante D19:

“[...]a gente usa para que? Para o próprio enfermeiro ter autonomia, para diagnosticar, fazer implantação de intervenções, conhecer, tratar o paciente de forma integral [...] ela padroniza, traz um padrão de qualidade para os serviços [...]”.
(D19)

Frente a esse discurso, é evidente que o uso da SAE permite ao profissional conhecimento e autonomia diante daquilo que cabe ao mesmo realizar com excelência, além de permitir a oferta de um cuidado de excelência, qualificado e organizado.

Nesse interim, a SAE qualifica a assistência uma vez que possibilita melhoras no processo de reabilitação, permitindo uma compreensão ampla das precisões do paciente, melhorias no diálogo e na gestão, assertivas tomadas de decisões, bem como a viabilização da execução do trabalho (BARRETO et al., 2020). Assim, coaduna-se que o seu reconhecimento e aprendizado de forma solidificada desde a graduação é essencial, visto que ao conhecer e presenciar suas vantagens, torna-se inquestionável sua aplicabilidade no exercício profissional do enfermeiro.

Acerca dos incontáveis benefícios da SAE frente a assistência a ser ofertada, ao gerenciamento e também a administração dos serviços de enfermagem, os discentes integrantes desta investigação ratificaram e tornaram evidente o seu conhecimento a respeito das benesses que a aplicação dessa ferramenta fornece, possibilitando um cuidado individual e integral ao paciente, também a reconhecendo como um instrumento facilitador e organizador da assistência a ser ofertada:

“[...] A SAE e o processo na minha visão são muito importantes, porque além de dar todo um norte para o enfermeiro [...] ofertando uma assistência cem por cento integral, não focando só no processo de doença, mas sim no processo de saúde e doença, traz um respaldo para ele como profissional e vai cuidar do paciente de forma integral”. (D1)

“[...] ela oferta mais qualidade para o paciente, busca ver qual as suas necessidades, é eu acho que é isso. E o processo de enfermagem também, eu acho que vem de auxílio tanto para o enfermeiro quanto ao paciente, para ajudar, para mim um está interligado ao outro tanto, a SAE com o processo de enfermagem [...] é muito importante utilizar porque é um meio que o enfermeiro tem de sistematizar a assistência e melhorar a qualidade, para o paciente [...]”. (D10)

“[...] eu sei que é muito importante para nossa vivência no dia a dia ali, no nosso trabalho. Para podermos estar traçando os cuidados para o nosso paciente, oferecendo a ele um atendimento de qualidade e com mais assertividade. Eu sei que é uma coisa para ajudar no dia a dia, [...] a vida do enfermeiro [...]”. (D12)

“[...] Facilita o serviço com certeza, você cria uma rotina com seu paciente, você sabe o que ele está precisando, facilita o seu trabalho, porque você vai focar no cuidado com o paciente de acordo com a necessidade dele. E o paciente só tem a ganhar, porque você vai investir na necessidade dele, você vai avaliar se teve resultado, você vai prescrever, implementar. Se não está tendo resultado você avalia de novo, faz a SAE de novo. A facilidade, eu acho que é realmente é facilitar o serviço, você organizar o seu serviço”. (D18)

Com base nessas assertivas, enfatiza-se que o enfermeiro é o protagonista da equipe de enfermagem, sendo diversas vezes considerado como um referencial na implantação e aplicação da SAE, direcionando e capacitando os seus pares no processo laboral, além de possuir autonomia para solicitar apoio diante da instituição (SANTOS et al., 2019).

Por conseguinte, ratifica-se que a SAE é uma ferramenta imprescindível na assistência e na gerência ofertada pelo profissional enfermeiro. Empreende-se, que o aprendizado desde a graduação é de suma importância para o seu reconhecimento como um método facilitador e enriquecedor do exercício profissional realizado pela enfermagem, sendo incontáveis os seus grandiosos benefícios.

7.2.2 Facilidades para o aprendizado da Sistematização da Assistência de Enfermagem durante o processo de formação acadêmica

A enfermagem moderna é um resultado de um constructo histórico que transcorre períodos revolucionários da sociedade. Nessa perspectiva, o profissional enfermeiro necessita estar em contínuo aperfeiçoamento, buscando sempre por novos aprendizados, sendo essencial para atender as demandas da práxis trabalhadora. Assim, compreende-se que o processo de aprendizado do enfermeiro tem inicia-se com a graduação em enfermagem, ocorrendo continuamente, seja por meio de métodos curriculares como pós-graduação, *Latu sensu* e *Stricto sensu*, assim como através de educação permanente, treinamentos, atualizações, entre outros. Nesse sentido, o conhecimento na enfermagem segue esteios basilares como o cuidado, o ensinamento e o gerenciamento, que se fundem permitindo um aprendizado de forma geral (PISSAIA; COSTA; OLIVEIRA, 2021).

Nesse interim, em consonância com Duarte, Vasconcelos e Oliveira (2020), a aplicação da SAE é uma das vias de se ofertar uma assistência de excelência e humana fundamentada na cientificidade. Desse modo, cabe ratificar que o aprendizado da SAE de forma efetiva é imprescindível, tanto para a desenvoltura dos enfermeiros, assim como para que o cuidado e o gerenciamento na enfermagem aconteçam de maneira competente e proficiente (SANTANA, 2019; SANTOS et al., 2020).

Diante desses apontamentos, cabe enfatizar que o aprendizado da SAE é de suma importância, no entanto, inúmeras vezes o mesmo não ocorre de forma eficaz e pertinente, ainda que ocorra o seu reconhecimento como um diferencial para a assistência ofertada ao paciente. Desse modo, inúmeros estudos retratam que grande parte dos enfermeiros e graduandos de enfermagem apresentam um conhecimento da SAE superficial, razoável e fragmentado, o que ocasiona divergências no aprendizado desta com relação a importância e aplicação da mesma (SANTOS et al., 2020).

A respeito dessa temática, é inquestionável para o futuro enfermeiro conseguir relacionar a teoria vivenciada à sua atuação, visto que, enquanto discente de enfermagem, o mesmo precisa almejar o aperfeiçoamento de competências que o permita desenvolver também as etapas do PE, ferramenta fundamental inserida na SAE (ANDRADE et al., 2016).

Nesse contexto, a literatura evidencia que maior parte dos graduandos de enfermagem apresentam um aprendizado satisfatório a respeito da SAE, sendo este associado ainda a forma com que a disciplina é ministrada na faculdade dos estudantes (FERREIRA et al., 2021). Nesse sentido, cabe ratificar que a maneira como a disciplina é aplicada faz total diferença no aprendizado dos alunos, sendo dessa forma um fator facilitador do aprendizado da SAE, assim como afirmado pelos discentes participantes da pesquisa:

“[...] no contexto da disciplina e o professor ajudando a mostrar como é aplicada a SAE naquele momento. Porque assim, nós podemos ter uma noção do que precisa ser feito ali, mais o norte do professor contribui para que consigamos enxergar aquilo, e até facilitar a nossa ação ali, e desenvolver de uma forma melhor”. (D3)

“[...] a facilidade foi que a parte teórica é muito bem explicada, é muito bem colocada cada questão [...]”. (D9)

“[...] a questão da faculdade, é aplicado muito bem, a questão de ensino dela. Então isso facilitou bastante, com bons professores [...] boas metodologias de ensino, que facilitaram para que a gente compreendesse um pouco mais sobre o conteúdo e tentasse aplicar. Então o método de ensino, as metodologias de aprendizado contribuíram para isso”. (D26)

Somado a estes depoimentos, explana-se a importância da ministração da disciplina de forma proficiente e clara, sendo considerado um fator facilitador do aprendizado, reconhecimento e aplicação da SAE pelos discentes de enfermagem, podendo ser destacado ainda como o ponto inicial para o sucesso da implantação da mesma.

Destarte, a eficácia da ministração da disciplina de SAE é um fator facilitador de aprendizagem, sendo essencial que os orientadores não esgotem as formas de ensino, visto que esta é uma disciplina complexa, tendo como foco o estímulo na construção de pensamentos críticos, assim como o empoderamento por meio da compreensão da mesma (ANDRADE et al., 2016).

Coaduna-se que frente ao ensino-aprendizagem, diversas vezes acontece equívocos relacionados ao conceito da SAE e do PE, o que faz com que ocorra maiores dificuldades ao diferenciá-los e aplicá-los, resultando também no não alinhamento entre a prática e a teoria. Portanto, conjectura-se a importância de reconhecer a diferença de ambos, compreendendo que o PE está integrado a SAE, o que ratifica a amplitude conceitual da mesma e desvenda o PE como uma ferramenta metódica que direciona a assistência (TONIOLO; PERES; MONTEZELI, 2022; SOUZA et al., 2022). Acerca da relevância desse assunto, este quesito como um facilitador no processo de aprendizagem da SAE, é evidenciado pelos discentes D6 e D14 de forma bem pertinente e explícita:

“[...] é ter bastante definido a diferença, o que é o processo de enfermagem, saber das etapas, acho que a maior facilidade é isso, ter conhecimento do que é o processo de enfermagem e a sistematização”. (D6)

“[...]eu pude ver, que muita gente confundia, eu também ficava meio assim SAE, processo é a mesma coisa? eu pude ver que não é. Tanto que a professora foi me explicando bastante durante o curso. Aí eu pude ver, não, não é a mesma coisa. Daí na prática, no estágio, consegui colocar em prática”. (D14)

Diante desses depoimentos, os discentes ratificam de forma clara o quão importante se faz a diferenciação da SAE e do PE, sendo primordial esse entendimento para que ocorra o

aprendizado de ambos de maneira proficiente. Com isso, facilita a compreensão e a aplicação da SAE seja durante o período acadêmico ou na prática profissional. Outro apontamento relevante a ser destacado como um fator dificultoso no aprendizado da SAE, é a dissociação entre o ensino teórico e a prática, sendo que quando apresentados de forma fragmentada impactam negativamente no ensino e na futura implementação da SAE.

Ressalta-se que a SAE e o PE são vistos como instrumentos complexos, ocorrendo rotineiramente de forma fragmentada. Nessa direção, um estudo realizado com alunos de enfermagem aponta que devido as lacunas encontradas com relação aos aprendizados teórico-práticos da SAE, os mesmos ofertam uma assistência despedaçada, não reconhecendo os pacientes na sua integralidade (MENESES et al., 2019).

Assim, em conformidade com a pesquisa de Meneses et al. (2019), o presente estudo retrata por meio do relato do discente D4, que devido ao fato de sempre ter sido ensinado o fato de enxergar e avaliar o paciente de forma integral, esse foi um ponto facilitador no aprendizado da SAE, visto que perante a mesma o estudante de enfermagem é induzido a ofertar um cuidado de forma holística.

“[...] a gente sempre foi instigado a olhar o paciente como um todo. Então eu achei, que essa parte foi a parte mais fácil da sistematização. De eu ter esse olhar clínico, de olhar o paciente como um todo onde ele estiver, então eu consigo fazer essa sistematização integral, do paciente, da assistência [...]”. (D4)

Nesse contexto, segundo Meneses et al. (2019), o déficit de aprendizagem da SAE durante o período de academia é uma adversidade considerável, principalmente no que tange a dissociação entre a teoria e a prática. Nessa direção, esta investigação vem de encontro a essa assertiva, uma vez que, por meio dos depoimentos dos graduandos foi perceptível que o colocar em prática a SAE é um princípio significativo e favorável para um bom êxito da construção do conhecimento a respeito dessa metodologia:

“[...] quando a gente consegue implementar a SAE, tudo fica mais claro. Porque assim, quando a gente para pra estudar, a gente vê que não é uma coisa, um bicho de sete cabeças, não é uma coisa totalmente fora, a gente a faz, sem saber que faz. [...]”. (D5).

“[...] nos estágios mesmo, a gente está vivenciando aquilo e aplicando ali [...]”. (D8)

“[...]a partir do momento que a gente vai para o campo de estágio, a gente consegue colocar em prática [...]”. (D21).

Frente a esses apontamentos, é perceptível que quando o ensino teórico é associado à prática, sejam nos campos de estágios ou em atividades que exijam a implementação da SAE,

o graduando consegue assimilar e aprender o conteúdo de forma eficiente deixando de lado os preconceitos e as resistências criados durante o processo de ensino-aprendizagem.

Assim, com relação ao PE no tocante as suas etapas, inferem-se que inúmeros estudantes de enfermagem enfatizam possuir dificuldades na realização de alguma de suas etapas (MENESES et al., 2019). No entanto, apesar das dificuldades também apresentadas por alguns discentes participantes do estudo, ainda foi possível identificar alguns quesitos mencionados por estes como facilitadores do aprendizado nas etapas do processo:

“[...] do processo de enfermagem a facilidade para mim é o histórico, a anamnese, exame físico, que eu acho mais fácil, [...]”. (D8)

“[...] quando a gente pega os diagnósticos, eu acho mais fácil de achar as intervenções [...]”. (D11)

“[...]Fazer a anamnese, que é mais colher os dados na verdade do paciente. Acho que é a parte mais tranquila, depende só do paciente”. (D15)

“[...] você coleta os dados do paciente, e elenca os diagnósticos, é bem mais fácil você elencar intervenções [...]”. (D20)

“[...]Para implementar com o paciente eu já achei bem mais fácil”. (D22)

Acerca da relevância desse assunto, é notório enfatizar o quão é significativo um aprendizado de excelência da SAE e PE, o conhecimento proficiente e qualificado da anamnese, exame físico, assim como das taxonomias, sendo por sua vez considerados pilares favoráveis nesse aprendizado. Desse modo, é sabido que a SAE possui também uma ação organizadora da assistência de enfermagem, permitindo melhorias e mais agilidade no atendimento ao paciente, além do fato de padronizar o que ela oferece viabilizando o entendimento, assim como a organização dos processos de enfermagem (MENESES et al., 2019).

Nesse contexto, o fato de a SAE possibilitar a organização, torna-se também um fator facilitador do seu ensino, visto que após o seu conhecimento teórico e posteriormente na prática, esta organização permite ao aluno enxergar de forma clara a conduta que deve ser realizada durante o seu processo de trabalho. Diante disso, permite ao discente colocar em prática a teoria e solidificar o seu aprendizado. Podendo então essa organização ser mencionada como uma facilidade no aprendizado da SAE, assim como explanado pelos discentes a seguir:

“[...] é bom porque te dá uma direção do que você tem que fazer, você não fica tão perdida. Você tem de metodizar alguma coisa na sua cabeça, para você cuidar daquele paciente. Você já tem todas as etapas, que você tem que fazer, então isso facilita e ganha tempo também, porque você já tem todas as etapas certinhas do que você tem que cuidar[...]”. (D16)

“[...] A organização, porque se a gente já aprendeu [...] para levar para o campo de estágio, a gente já tem um direcionamento, um norte[...] como a gente vai abordar o paciente ali na unidade”. (D25)

Face a esses discursos, afirma-se que o fato da SAE em si ser um instrumento organizador que auxilia na assistência, faz com o discente direcione e facilite também o seu aprendizado. Por fim, afirma-se que no aprendizado da SAE nem sempre serão apontadas facilidades. No entanto, cabe aos docentes em consonância com os discentes que são corresponsáveis pela construção de seus conhecimentos, buscarem estratégias facilitadoras do aprendizado, uma vez que o aprendizado bem adquirido é essencial na sua atuação enquanto futuros enfermeiros.

7.3 DIFICULDADES NO APRENDIZADO DO DISCENTE NA APLICAÇÃO DA SAE

Compreende-se que o constructo conhecimento é permeado por inúmeros fatores que podem viabilizar e edificar algum assunto, assim como as mais diversas dificuldades e empecilhos podem os tornar mais delicado e complexo. Nessa direção, cabe enfatizar que não apenas o docente tem a responsabilidade de conduzir ao aprendizado, como também o discente precisa ser coparticipante no processo de construção de seu conhecimento, ainda que o professor possua uma função centralizadora. Diante disso, no tocante a SAE, é preciso criar um elo para a sua implementação, assim como incentivar na construção e na agregação da bagagem de conhecimentos (ROCHA et al., 2019).

Vale ressaltar que o aprendizado da teoria e da prática acerca da SAE possibilita aos discentes de enfermagem vivenciar experiências importantes para o seu desenvolvimento (PISSAIA; COSTA; OLIVEIRA, 2021). No entanto, é notório que a edificação de aprendizagem da SAE é um fator permeado por complexidades, que inúmeras vezes faz com que os discentes apresentem medo, receios e até mesmo muitos impasses para implementá-la.

Nessa perspectiva, é essencial reconhecer os fatores dificultadores do aprendizado, assim como da implementação da SAE, pois só assim, será possível promover estratégias para o alcance de melhorias e a edificação dessa ferramenta crucial no processo de trabalho do enfermeiro. Desse modo, a presente categoria apresenta duas subcategorias, em que a primeira explana a respeito dos receios e anseios no aprendizado da SAE, e a segunda subcategoria evidencia a dicotomia entre a teoria e a prática.

7.3.1 Receios e anseios no aprendizado da Sistematização da Assistência de Enfermagem

A SAE rotineiramente é rodeada de processos conflituosos, impasses no seu entendimento, abnegação e não aceitabilidade por parte de muitos enfermeiros, bem como da equipe. Essa realidade ocorre incontáveis vezes, mesmo sendo uma atividade privativa do enfermeiro, devendo ocorrer em qualquer ambiente que oferece a assistência de enfermagem (SOUSA et al., 2022; COFEN, 2009).

É notório enfatizar que a situação colocada anteriormente ocorre por diversos fatores, tais como a ausência de aperfeiçoamento ofertado pela organização, demanda excessiva de trabalho, não continuidade das consultas de enfermagem, não reconhecimento do profissional, ausência de protocolos, dentre outros. Com isso, pode citar ainda como um fator relevante, o distanciamento entre o ensino nas academias de enfermagem e a realidade da prática do enfermeiro, ratificando também a realização do aprendizado de forma não eficaz (RIBEIRO, PANDOVEZE, 2018).

Salienta-se no tocante ao aprendizado da SAE que ainda há dificuldade com relação a seu conceito juntamente com o conceito do PE, podendo esse ser considerado uma objeção tanto no aprendizado, assim como na implementação dos mesmos. Infere-se dessa maneira, ser primordial um ensino proficiente das definições dessas ferramentas desde a graduação.

Nesse contexto, dentre as mais diversas concepções realizadas acerca da SAE, pode-se afirmar que a mais adequada transcorre a questão organizacional dos serviços de enfermagem, à luminescência da gestão, fundamentados em elementos administrativos (SOUSA et al., 2022). Dessa forma, ratifica-se que a SAE está substancialmente interligada ao gerenciamento dos serviços de enfermagem, enquanto o PE está correlacionado de forma direta a assistência ofertada e ao registro da práxis trabalhadora (SANTOS; VALADARES, 2022).

Frente a estes apontamentos, o PE está diretamente ligado a assistência ao paciente, ocorrendo de maneira processual direcionando o cuidado. Em contrapartida, a SAE não deve ser considerada o gerenciamento propriamente dito, no entanto auxilia o mesmo, e colabora na questão organizacional do trabalho de enfermagem (SANTOS et al., 2022). Nesse interim, afirma-se a necessidade de uma abordagem clara e objetiva sobre as peculiaridades entre a SAE e o PE, assim como as correlações existentes entre os mesmos, sendo ambos essenciais para a enfermagem. Desse modo, afirma-se o quão importante é o ensino dessas especificidades durante a formação acadêmica, afetando positivamente no futuro a prática do profissional.

Um estudo realizado por Silva et al. (2015), refere que a SAE vem sendo alvo de ensino nas academias de enfermagem em razão de sua relevância, tanto na construção de conhecimentos do acadêmico durante a graduação, como no futuro ao atuar como enfermeiro. Os autores ainda afirmam que a aprendizagem da SAE deve ser arraigada, nutrida e lapidada, a

partir do Pensamento Complexo de Edgar Morin, que visa a sua compreensão, citando-a na visão de um elemento complexo. No entanto, quando o mesmo diz a respeito do termo “complexo”, menciona no sentido de algo indivisível, interrelacionado (MORIN, 2015).

Nessa direção, quando se aplica o preceito hologramático da teoria da complexidade, entende-se que não há a possibilidade de reconhecer algo em sua integralidade sem reconhecer seus fragmentos, e assim mutuamente. Dessa forma, esse raciocínio quando aplicado a SAE, refere a necessidade de que ocorra uma interrelação entre a mesma e outras disciplinas, uma vez que quando o ensino ocorre de maneira fragmentada irá desencadear interferências negativas no aprendizado dos graduandos, que não alcançarão o resultado de unificar as mesmas (SILVA et al., 2015).

Um fato que corrobora com essa realidade, foi um resultado encontrado por Silva et al. (2015), que retrata que acadêmicos de enfermagem participantes do estudo, tanto dos primeiros períodos a períodos mais tardios, não conseguiam correlacionar a anamnese e o exame físico à SAE. Em outras palavras, os mesmos não conseguiam relacionar a prática, o desenvolvimento das etapas do PE inserido na SAE, dessa forma não tinham clareza em integrar as partes ao todo.

Ressalta-se nesse sentido, o quanto o ensino de forma fragmentada é um fator dificultador do aprendizado da SAE, impossibilitando uma aprendizagem relevante, o que é evidenciado pelos depoimentos dos discentes participantes desta pesquisa:

“[...] Dificuldades, acho que seria o professor não fazer isso. Ele não assimilar a SAE com a disciplina dele, e aí acaba que a nossa assistência fica meio que no ar [...] porque às vezes ele explica uma coisa, daí a gente não assimila com a SAE, por ele não mostrar essa assimilação ali no momento. Às vezes, vamos ver só em uma outra disciplina depois”. (D3)

“[...] eu acho que a gente põe muito pouco em prática [...] a gente passou dessa matéria não se fala muito mais nela [...]”. (D10)

Frente a esses impasses, é evidente uma dissociação entre o aprendizado da SAE com as outras disciplinas, ainda que partes da mesma sejam abordadas de forma indireta desde o início do curso. No entanto, urge a necessidade de se criar um complexo entre ambos, para ao chegar à disciplina propriamente dita, o seu aprendizado não seja tão obscuro.

Outro quesito relevante evidenciado na fala do discente D10, é o fato de após ser realizada a disciplina da SAE, a mesma não ser mais abordada de forma recorrente. Por conseguinte, cabe ratificar o quão essencial se faz a aplicação da SAE e do PE após a realização da disciplina para que ocorra maior apropriação da mesma.

Nessa direção, Moser et al. (2018) afirmam que o aprendizado da SAE de forma fragmentada dificulta a obtenção de aptidões inerentes para a realização do PE, além da falta de regularização do seu ensinamento e estágios. Outro fator importante, é o tempo o qual é ministrada a disciplina no período de graduação, sendo relatado por inúmeros estudantes como insuficiente, sendo também elencado como dificuldade o pouco contacto com a mesma (RODRIGUES; FONTANA; LIPINSKI, 2020).

Assim, em consonância com a literatura, os discentes deste estudo também referiram que o tempo o qual é ministrado a disciplina é diminuto, visto que o ensino inicia-se de forma tardia ocasionando inúmeras vezes um certo menosprezo do aprendizado. Sendo assim, considerada essas situações como dificuldade para o aprendizado da SAE pelos relatos a seguir:

“[...] é que a matéria só é dada no quinto período. Para mim eles poderiam estar falando sobre isso desde o primeiro período, porque quando chegou eu não sabia nada sobre isso, e assim vamos dizer é bem complexo. São muitas etapas, é muita coisa, então eu acho que poderiam ter dado desde o primeiro período um norte do que seria isso, para gente ir aplicando desde o primeiro estágio”. (D8)

“[...] Eu acho que a gente começa aprender a SAE muito tarde [...]”. (D13)

“[...] é uma coisa que você vai usar para a vida, você vai levar para o resto da sua profissão, e é só ali seis meses, eu acho muito pouco tempo para aprender isso [...]”. (D18)

“[...] Porque eu achei que foi muito corrido [...]”. (D22)

“[...]o tempo dentro do estágio para tentar aplicar o conhecimento, dentro do estágio foi curto. Então a gente viu isso como um pouco de dificuldade, não tendo tanta destreza, tanta clareza, para assimilar o conteúdo e aplicar ele em prática. [...] A carga horária desse conteúdo, dessa disciplina é curta, então tipo assim, você tem que ver bastante coisa, o que demanda um pouco de tempo para aprender tudo, para assimilar tudo e a praticar [...] a gente pôde ver no estágio que muita gente não sabe nem aplicar a SAE ou processo de enfermagem, nem sabe como é que se implementa, como se pratica, e a gente pode ver que isso, às vezes, é um pouco da falta de conhecimento adquirido dentro da faculdade. E como é um tempo curto [...] uma disciplina um pouco curta, a gente tem pouco tempo para aprender”. (D26)

Acerca da relevância desse assunto, é notório o quanto é importante dedicar-se um tempo maior para a ministração da disciplina da SAE, visto que isso possibilitará maior clareza no seu entendimento, assim como na sua aplicação na prática, facilitando uma maior adesão na prática do futuro enfermeiro.

Nesse interim, no quesito colocar em prática, quando mencionado a realização das cinco etapas do PE, sendo elas, Histórico de Enfermagem, Diagnósticos de Enfermagem, Planejamento das Ações de Enfermagem, Implementação das Intervenções e a Avaliação, estas são essenciais para uma assistência qualificada (FERREIRA et al., 2021).

Diante disso, para a realização das etapas do PE, o enfermeiro pode utilizar Sistemas de Linguagens Padronizadas que possibilita ao profissional elencar diagnósticos, resultados esperados e intervenções de enfermagem, sendo esses representados por taxonomias (FERREIRA et al., 2021). Dentre as taxonomias, destacam-se a *North American Nursing Diagnosis Association* (Diagnósticos de Enfermagem da NANDA); a *Nursing Outcomes Classification* (NOC- Classificação dos Resultados de Enfermagem) e a *Nursing Interventions Classification* (NIC- Classificação das Intervenções de Enfermagem) (LIMA; MELO, 2012).

Nessa perspectiva, no que tange a aplicação do PE no tocante as suas etapas, inferem-se que inúmeros estudantes de enfermagem enfatizam possuir dificuldades na realização de alguma delas, principalmente na utilização da NANDA-I, ou seja, na realização dos diagnósticos de enfermagem (MENESES et al., 2019).

Essa premissa vem de encontro aos depoimentos dos discentes desta investigação, que afirmam possuir dificuldades no manuseio dos sistemas de linguagem, seja com relação a apenas uma delas ou de todas. Assim, alguns discentes referiram maior dificuldade com relação ao uso do NANDA-I:

“[...] Acredito que a parte do diagnóstico, das intervenções, eu achei que ficou meio confuso um pouco, que eu teria mais dificuldade”. (D9)

“[...] eu acho que é o diagnóstico, porque a anamnese em si não, a anamnese norteia bastante a gente, se você fazer uma anamnese bem feita. Eu acho que na hora de você fazer ali, traçar os diagnósticos, eu tenho mais dificuldades”. (D12)

“[...] Traçar os diagnósticos acho muito complicado, porque é muito diagnóstico e acho muito complicado de traçar [...] porque eu sei que tudo se baseia naquele NANDA, mas eu acho que é muito difícil de traçar diagnóstico [...]”. (D15)

Acerca desses apontamentos, evidencia-se as dificuldades com relação ao aprendizado e manuseio da taxonomia NANDA-I. No entanto, relaciona-se esse quesito ao fato deste ser o norteador dos próximos passos do PE, estando diretamente relacionado a uma avaliação clínica bem realizada, sendo necessário a sua realização de forma eficaz e fidedigna para uma melhor terapêutica do paciente. Ainda com relação as dificuldades relacionadas ao uso das taxonomias, um maior número de discentes ratificaram possuir dificuldades no tocante ao manuseio de mais de uma taxonomia, sendo referido impasses com relação a aplicação de todas:

“[...] parte mais difícil, foi manusear os livros referente ao NANDA, NIC, NOC. Eu achei que foi a parte mais difícil, porque nós não sabemos tudo o que tem nos livros NANDA, NIC e NOC, então às vezes a gente fica perdido. Sobre se o que estou pensando é realmente, está dentro ali dos diagnósticos, está dentro do que eu vou

prescrever, ou não, ou se isso é subjetivo daquilo que estou achando do paciente”. (D4)

“[...] É no caso é fácil de você compreender a teoria, que eu falo no sentido assim, de entender como manusear também o NANDA, NIC, NOC, apesar que o NOC é difícil [...] mas, você compreender ele para aprender, que eu falo assim em questão de provas, você consegue desenvolver bem, consegue responder bem, mas na aplicação mesmo, a dificuldade é na aplicação nos estágios [...]”. (D7)

“[...] o planejamento e intervenção, eu acredito que NIC e NOC ainda eu não domino não, eu acho bem difícil consultar ali para fazer certinho”. (D8)

“[...] eu acho um pouco complicado, a NANDA, a NIC, até a gente aprender a mexer neles mesmo, eu achei complicado[...]”. (D10)

“[...] Como dificuldade, eu acredito que manusear os livros disponíveis, tanto da NANDA, NIC e NOC”. (D20)

“[...] as definições do NIC e NOC, eu mesmo inverte muito os dois [...] os resultados, eu infelizmente acabo invertendo um pouquinho [...]”. (D22)

“[...] a dificuldade é mesmo como manusear, de manusear por exemplo a NANDA, NIC, NOC, para a gente é construir os diagnósticos, as intervenções, é de manuseio mesmo”. (D24)

Com base nesses relatos, são evidentes as dificuldades com relação ao manuseio das taxonomias, quando na verdade, essas deveriam ser um facilitador visto que elas surgiram com o intuito de padronizar e facilitar os processos de trabalho da enfermagem. Desse modo, ratifica-se que, quanto mais praticado o uso destas taxonomias durante o período de graduação, quanto mais atividades que exijam o uso dos sistemas de linguagem, maior facilidade os graduandos terão ao manuseá-las, percebendo-as como ferramentas auxiliaadoras do processo.

Diante dessa perspectiva, para que exista um conhecimento eficaz sobre o aprendizado proficiente das taxonomias, é de suma importância o contato direto com os livros. No entanto, cabe destacar um impasse, visto que os discentes da presente pesquisa realizaram a disciplina de SAE durante o período pandêmico do novo coronavírus denominado como *Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2* (SARS- CoV-2), mais conhecido como *Corona Vírus Disease-19* (COVID-19), o que pode ser considerado um fator impactante de maiores dificuldades com relação ao aprendizado, o que foi relatado pelos discentes participantes do estudo:

“[...] a gente teve foi durante a pandemia, foi online, então foi muito difícil [...] durante a pandemia, online, ali na frente do computador, muito mais difícil de você pegar qualquer coisa ali”. (D9)

“[...] a gente viu só online, daí a professora teve que explicar tudo online, o que dificultou um pouquinho, mas depois deu para gente ir pegando”. (D10)

“[...] Eu acho que a falta de conhecimento, porque foi tudo muito novo, e não é fácil, realmente não é fácil. E para mim, que no meu caso eu tive a disciplina online, foi muito mais difícil, eu acho que é isso. Por ser online foi difícil, e por ser novo também, a maioria dos hospitais que a gente vai não tem SAE, são poucos”. (D18)

“[...] no nosso caso, aqui da minha sala o problema é que a gente teve só online, porque a gente pegou período de pandemia [...]”. (D22)

“[...] o livro a gente encontra muita dificuldade, porque são bem complexos. E a gente não teve aquela aula, aquelas aulas práticas que a gente conhece os livros, que a gente pega, põe a mão na massa mesmo, olha o livro, folheia, folheia. A gente ficou sozinho para fazer isso. A gente teve o apoio da professora, online. Ela tentou ajudar o máximo, mas mesmo assim, a gente ainda tem dificuldade em manusear”. (D25)

Perante a esses impasses, é precípua o quão o período pandêmico atingiu de forma direta o aprendizado com relação ao manuseio das taxonomias. Destarte, afirma-se o quão necessário se faz o contato como os livros, o estar em sala de aula com o docente, uma vez que assim como encontrado em inúmeros relatos, a disciplina em si não é considerada tão simples, exigindo maior dedicação tanto dos discentes como dos docentes, sendo essencial o contato para a construção de um conhecimento proficiente (SOUZA et al., 2020).

Em suma, cabe destacar que inúmeros fatores como dificultadores do aprendizado da SAE e do PE de forma clara e eficaz, pode ocasionar resistência com relação aos mesmos desde o período de graduação podendo afetar de forma direta na atuação do futuro enfermeiro. Assim ratifica-se a importância de se traçar estratégias que auxiliem a sanar essas problemáticas, possibilitando um aprendizado ainda mais qualificado, capaz de preparar os discentes para sua atuação (ROCHA et al., 2019).

7.3.2 Dicotomia entre teoria e a prática

Em uma era de constantes transformações, a construção do aprendizado se torna desafiadora, principalmente na área da enfermagem que é composta por um vasto e extenso campo, que aborda o subjetivo da assistência, fazendo com que seja ainda mais moroso (SOUZA; CABEÇA; MELO, 2018).

Nessa direção, o ensino durante a graduação de enfermagem é de suma importância, visto que direciona o enfermeiro a aprimorar suas aptidões e competências que lhe direcionarão em decisões assertivas, raciocínio crítico, resolutividade, podendo estas serem consideradas aptidões essenciais para o enfermeiro (RODRIGUES; FONTANA; LIPINSKI, 2020). Desse modo, ratifica-se que a SAE além de ser um instrumento organizacional que direciona o cuidado, pode ser considerada como um instrumento que exige do enfermeiro a construção do pensamento crítico, auxiliando assim na construção dessas competências.

A SAE é considerada uma metodologia de suma importância, sendo analisada e referida no Brasil por aproximadamente quatro décadas, porém ainda que haja algum tempo que a mesma já vem sendo abordada, é notório que não ocorra até então a sua plena implementação. Apesar de também já ser abordada durante a graduação de enfermagem, evidencia um déficit com relação ao seu uso na práxis do enfermeiro (RODRIGUES; FONTANA; LIPINSKI, 2020).

Conforme a Lei do Exercício Profissional da enfermagem, desde o ano de 1986 já é preconizada a realização da SAE, sendo atualmente regida pela resolução N. 358/2009, onde é exigido a sua aplicação em todos os ambientes que ocorram a assistência de enfermagem. No entanto, ainda que a atual resolução exija a sua aplicabilidade, nem sempre a mesma é implementada, e quando utilizada ocorre de maneira errônea (SOARES et al., 2015; SANTOS, 2014).

Assim, dentre os fatores que estão relacionados a sua não implementação, pode-se elencar a construção do seu conhecimento durante a graduação de maneira deficitária. A literatura aponta que as lacunas no processo de aprendizagem da SAE é um dos fatores mais relevantes, afetando de forma direta na sua implementação, visto que as instituições de ensino são responsáveis pela preparação do futuro profissional para o exercício de sua profissão (MENESES et al., 2019).

Com relação à formação acadêmica, o ensino da profissão é transmitido por meio das instituições de ensino superior, devendo ser constantemente atualizado e revisado, visto que é necessário que estejam linkados a práxis assistencial, visando sanar dessa maneira a dicotomia entre o ensino e a prática. No entanto, é sabido que esta não é uma realidade, uma vez que ocorre uma disparidade entre os métodos de ensino da assistência e sua realização no trabalho (MOSER et al., 2018).

Nesse interim, um outro estudo afirma que apesar dos acadêmicos entenderem o quão relevante e necessário se faz o uso da SAE, os mesmos relatam dificuldades com relação a sua aprendizagem, assim como em sua aplicação teórica tanto como na prática. Um dos principais motivos dessas dificuldades, está relacionado a não associação entre a teoria e as práticas nas academias, levando a construção de um conhecimento superficial a respeito da SAE (FERREIRA et al., 2021).

Em concordância com estes estudos, infere-se os relatos dos discentes D2 e D20, quando afirmam que existe uma dicotomia entre o ensino teórico e a prática, tendo os mesmos dificuldades para associar o que é aprendido em sala de aula:

“[...] por não ser aplicado no dia a dia, a gente aprende na teoria, mas quando chega na prática, não é aquilo que a gente vê. Aí a gente tem um pouco de dificuldade em associar aquilo que aprendemos na aula, com aquilo que a gente ouviu. O que a gente aprendeu com a professora e colocar tudo em prática, é um pouco dificultoso[...]”.
(D2)

“[...] eu acredito que as intuições de ensino hoje, elas deveriam colocar mais em prática o que é a teoria. Porque às vezes assim, nos ensinam a manusear os livros, essas coisas todas, na coleta de dados, porém eu acho que na parte de estágio mesmo, fica um pouquinho a desejar, tanto na atenção primária quanto na área hospitalar”.
(D20)

A partir desses depoimentos, observa-se que essa dicotomia entre o período de formação do enfermeiro e a práxis geram situações conflituosas, levando a uma dissociação entre a práxis e a teoria. Essa realidade também culmina a não associação entre as disciplinas, o que dificulta ainda mais a concordância em momentos em que são realizadas as atividades práticas, durante os períodos de graduação, visto que inúmeras vezes os docentes não utilizam das mesmas metodologias de ensino.

Assim, um elemento que facilitaria a implementação da SAE seria o seu aprendizado de forma eficaz durante o período de graduação, podendo o mesmo ser reforçado por meio de sua associação a outras disciplinas, não ocorrendo apenas de forma regular em apenas um semestre. No entanto, é sabido que essa questão ainda está aquém das realidades atuais da grande maioria das academias de enfermagem (RODRIGUES; FONTANA; LINPINSKI, 2020). Entretanto, no tocante a essa dicotomia entre a teoria e a práxis, o fato dos graduandos ao irem para os campos de estágio nos ambientes de saúde, como a atenção hospitalar e a atenção primária, se deparam com uma realidade totalmente discrepante do que foi ministrado em salas de aula (MOSER et al., 2018).

Frente a essa realidade, pode-se citar as burocracias enfrentadas com relação as organizações de saúde onde ocorre a prática, que inúmeras vezes desfavorecem e dificultam a realização da mesma em sua integralidade (ROCHA et al., 2019). Acrescido a isso aponta-se também o fato de as próprias intuições de saúde não valorizarem a SAE, dificultando ainda mais a sua implantação na práxis do profissional enfermeiro, criando-se dessa forma um hiato entre o ensino e a prática (BARRETO et al., 2020).

No entanto, além do déficit relacionado ao conhecimento da SAE como motivo para a sua não implementação, existem outros inúmeros fatores dificultadores da sua utilização no cotidiano do enfermeiro. Segundo um estudo realizado por Soares et al. (2015), os enfermeiros relataram como desafios da implementação da SAE, a falta de conhecimento eficaz, a adaptação a realidade das instituições, a falta de uma sala para a troca de informações durante a mudança

de plantão, o quesito tempo, a falta de impressos, o dimensionamento ineficaz dos enfermeiros gerando sobrecarga do profissional e registros não realizados de forma correta.

Acerca da relevância desse assunto, destaca-se a questão relacionada a falta de um conhecimento proficiente pelos profissionais, evidenciado pelo discente participante deste estudo D23:

“Em ESF, que eu trabalhei, que eu estagiei, a enfermeira não sabia o que era, ela me perguntou o que era, ela não sabia aplicar [...] acho muito importante, mas é uma coisa que na prática, no dia a dia, você não vê. Você não vê, ninguém, quase assim, é um empurrando para o outro para estar fazendo”. (D23)

Assim, é precípuo enfatizar que existem inúmeros fatores que dificultam a aplicação da SAE na realidade dos serviços de saúde, fazendo com que o enfermeiro fique estagnado, não sabendo como lidar com tantos obstáculos frente a sua implantação. Mesmo que o profissional a reconheça como um instrumento primordial para um melhor fluxo de trabalho, muitos entraves perpassam na práxis profissional.

Cabe ressaltar que persistem muitas lacunas no ensino-aprendizagem dos graduandos de enfermagem, visto que ao ingressarem nos campos de estágio, se deparam com realidades incondizentes. Situação essa considerada como um desafio para a compreensão e a confirmação da SAE como um instrumento essencial para o enfermeiro desde a graduação. Nessa diretiva, o fluxo dos depoimentos do discentes da presente pesquisa ratificam esses entraves como um desafio excruciante referente a realidade de se colocar a teoria em prática:

“[...] O teórico ele é mais fácil de você compreender, só que quando você vai aplicar você tem toda uma dificuldade, principalmente no campo de estágio, porque geralmente eles não fazem SAE, eles fazem o processo nos campos de estágio [...] quando você vem com a SAE, não é todo o enfermeiro que tem aquela cabeça, de que tipo assim tem que ser aplicado, tem que ser feito. Igual por exemplo, a SAE que eles fazem nos campos mesmo de estágio aí, geralmente eles fazem o processo, eles não fazem a sistematização. Eles vão lá olham a NANDA, olham a NIC, olham a NOC, mas assim é o processo, não é a sistematização que eles fazem”. (D7)

“[...] é um desafio, porque poucas pessoas, assim no estágio mesmo, a gente vê que poucas pessoas usam a SAE, praticamente não vi. Daí acaba que a gente tem um pouquinho de dificuldade de implementar, sendo que no estágio a gente vê muito pouco isso sendo usado [...]”. (D10)

“[...] Então, pelas práticas que eu tive em estágio, é lindo a SAE, é bacana! Mas na prática a gente vê que os profissionais não implementam, não sei se é por falta de conhecimento, por dificuldade, mas acabam que eles pegam aquela prescrição copiam e colam a mesma para todo paciente. Ou, às vezes também por falta de tempo, às vezes estão muito sobrecarregados, tem muito o que fazer, não dá tempo realmente de avaliar o paciente [...]”. (D18)

“[...] Os lugares onde passei estagiando, a gente não aplicou, assim a gente aplicou somente no trabalho mesmo, nos portfólios. Daí, passar para ver alguém fazendo a

SAE, processo direitinho, não presenciei ninguém aplicando esses processos nos pacientes [...]”. (D23)

Face aos relatos dos discentes, percebe-se realmente o quanto a dissociação da prática e teoria nos campos de estágio são um desafio com relação a compreensão da SAE de forma clara e eficiente, tornando-se um obstáculo para o reconhecimento e implementação da mesma.

Tangenciando-se a essas premissas, cabe enfatizar, ainda que a realização da SAE seja de forma fragmentada e errônea nos serviços de saúde, sendo ocasionada inúmeras vezes pela falta de apoio da gestão, sobrecarga e também pela falta de entrosamento e conexão da equipe, observa-se um questionamento dos demais profissionais a respeito da eficácia da mesma. Com isso, ocasiona uma assistência não integral, sendo essa situação também considerada um fator fortalecedor da dicotomia entre a práxis e a teoria (BARRETO et al., 2020).

Diante desses impasses, é evidente a partir dos relatos dos discentes da presente pesquisa que a realização da SAE ocorre de forma fragmentada e equivocada, indo em oposição ao que é transmitido durante a formação acadêmica:

“[...]Difícil, eu achei foi implementar a SAE e o processo também no estágio. Porque você via os profissionais fazendo de um jeito, você acha que é daquele jeito, que é daquele jeito que precisa ser feito, mas não é. E você chega lá sabendo, o que é que tem que ser feito, mas o deles é diferente, e eles não aceitam que o deles estão errados, e de certo ponto você tinha que fazer do jeito deles, eu achei isso muito difícil”. (D14)

“A gente pratica no hospital, mas não é tão voltado a traçar um diagnóstico, assim tem, mas não é aquele negócio assim, específico de SAE [...]”. (D15)

“[...] às vezes é uma equipe pequena, para uma demanda grande de cliente, de paciente, e que obriga você, querendo ou não, a ter meio que cortar esses caminhos [...] deixando de aplicar certos cuidados, certos processos para tentar atender toda a demanda de paciente que está adentrando no hospital, no laboratório, nos PSFs [...]”. (D26)

Por conseguinte, é nítido o distanciamento entre as realidades de ensino versus as práticas nos campos de estágio, ainda que a SAE seja realizada de forma fragmentada. Desse modo, é essencial que essas diferenças sejam sanadas, uma vez que quando ocorre essa dissociação, a eficácia e a compreensão do ensino fica deficitária, podendo atingir de forma direta a percepção do futuro enfermeiro com relação aos benefícios da SAE, tanto para o desempenho do seu trabalho, como para o bem estar do paciente.

7.4 ESTRATÉGIAS NA PERCEPÇÃO DO DISCENTE PARA A MELHORIA DO APRENDIZADO DA SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NOS CENTROS FORMADORES

A SAE, como muito bem exposto neste estudo, é um instrumento organizador do serviço ofertado pela enfermagem, possibilitando ao enfermeiro oferecer uma assistência qualificada, assim como ter uma organização metódica da sua equipe, além de possibilitar autonomia e respaldo ao profissional. No entanto, ainda que a mesma seja reconhecida como um diferencial, ainda é pouca utilizada ou aplicada de maneira fragmentada (LIMA et al., 2021; ROCHA et al., 2019; SOARES et al., 2015).

Nesse sentido, nos centros formadores, ainda que a SAE seja ensinada, não ocorre a sua implementação de forma eficaz na prática. Desse modo, essa situação faz com que os discentes mesmo reconhecendo-a como fundamental para a sua atuação, a realizem de forma incompleta e fracionada, podendo citar ainda como dificuldade para a sua aplicação o uso inapropriado das taxonomias (RODRIGUES; FONTANA; LIPINSKI, 2020).

Desse modo, coaduna-se que, mesmo havendo muitas facilidades para o aprendizado da SAE assim como relatado pelos discentes da presente pesquisa, cabe destacar ainda os diversos fatores explanados que dificultam a sua aprendizagem. Dentre eles, a dicotomia entre o ensino teórico e a prática, a dificuldade com relação ao manuseio das taxonomias, os empecilhos enfrentados nos campos de estágio e ainda o processo pandêmico da COVID-19.

Nesse interim, urge a necessidade de reconhecer meios de se intervir no ensino da SAE, almejando um aprendizado ainda mais proficiente da mesma pelos discentes de enfermagem, que possibilitem o seu entendimento, como também a sua aplicação. Em vista disso, esta categoria é dividida em duas subcategorias, sendo abordado na primeira, as estratégias para o desenvolvimento da SAE em práticas simuladoras no âmbito acadêmico, e na segunda subcategoria, estratégias para o desenvolvimento da SAE em lócus da práxis profissional.

7.4.1 Estratégias para o desenvolvimento da Sistematização da Assistência de Enfermagem em práticas simuladoras no âmbito acadêmico

Já há algum tempo, ao se considerar as vertentes nos âmbitos dos serviços de saúde da atualidade, evidencia-se o anseio pela busca de conformidades, sendo indispensável a adequação dos centros formadores de enfermeiros, visando construir meios de ensino contemporâneos (COSTA et al., 2017). Acrescido a isso, o desenvolvimento acadêmico no ensino da enfermagem, vem trazendo consigo a incitação pela concepção de discentes dotados de competências, almejando assim, a formação de futuros enfermeiros habilitados que possuam competências técnico-científicas e competências morais, sendo preciso ocorrer um aprofundamento com relação ao ensino-aprendizagem dos mesmos (BURGATTI et al., 2013).

Nesse contexto, evidencia-se a SAE como um instrumento basilar para a enfermagem moderna, capaz de auxiliar os profissionais de enfermagem em sua atuação, a fim de possibilitar o uso da cientificidade no cuidado ofertado, permitindo consequentemente o reconhecimento, o respaldo profissional e a construção da autonomia do enfermeiro, considerando o seu aprendizado como fundamental durante o período acadêmico (DIAS et al., 2022; LIMA et al., 2021; BARRETO et al., 2020).

Todavia, com os inúmeros benefícios que a SAE possibilita tanto para o paciente, assim como para o enfermeiro, a mesma ainda não ocorre de forma eficaz ao ser implementada, estando relacionada a sua não implementação a diversos fatores, tais como a vulnerabilidade do seu ensino, pouco aprendizado por parte dos enfermeiros, sobrecarga no trabalho e a falta de trabalho em equipe, o que faz com que ocorra uma maior dicotomia entre a teoria e a prática (RODRIGUES; FONTANA; LIPINSKI, 2020; BARRETO et al., 2020).

Destarte, o que dificulta de forma exponencial o aprendizado e a implementação da SAE é o seu ensino de forma fragmentada durante o período acadêmico. É sabido, que o período de formação do enfermeiro é essencial para o preparo do desempenho das suas funções enquanto profissional de saúde. Assim, ratifica-se a importância de um aprendizado satisfatório durante a graduação, onde ocorra um ensino teórico proficiente associado a prática, possibilitando a construção de conhecimentos sólidos.

Nessa direção, cabe enfatizar que perante os períodos de graduação, o contato clínico e as práticas em enfermagem, são de extrema importância para que os discentes enquanto futuros enfermeiros estejam preparados para a sua atuação. Porém, incontáveis vezes, a não existência de confiança em si mesmos, o medo, os receios e até mesmo a ansiedade impedem que os discentes alcancem um conhecimento satisfatório, o que ocorre principalmente com relação a SAE, visto que apresentam inseguranças e sensações conflituosas face a mesma (SOUZA et al., 2020; FABRI et al., 2017).

Outro quesito apontado pelas literaturas como dificuldade para o aprendizado da SAE, é a não conformidade também entre a teoria e as realidades encontradas nos campos de estágio, o que faz com que os discentes de enfermagem questionem a eficácia da SAE (ANDRADE et al., 2016). Isso ocorre, visto que durante os estágios os discentes se deparam com uma realidade totalmente oposta da vivenciada na faculdade, uma vez que inúmeros enfermeiros não realizam a implementação da SAE, e quando a implementam, a realizam de forma errônea (MOSER et al., 2018; BARRETO et al., 2020).

Nesse interim, advoga-se a necessidade de se estudar meios de amenizar essas dicotomias entre a teoria e a prática acadêmica, buscando estratégias de ensino que viabilizem

o aprendizado e aplicação da SAE desde a graduação até a atuação em campos da enfermagem. Dessa maneira, inúmeros estudos têm apontado algumas alternativas de ensino que podem ser eficazes para sanar essas problemáticas evidenciadas.

Desse modo, em um estudo que visava conhecer as dificuldades dos acadêmicos de enfermagem com relação a aplicação da SAE, foram apontadas propostas elencadas pelos próprios discentes que na percepção deles facilitariam a aplicação da mesma. Assim dentre os resultados encontrados, os que tiveram maior indicação dos estudantes como propostas foram, a elaboração de uma tabela com os principais diagnósticos de enfermagem (27,3%), ensino da SAE desde os primeiros períodos (16,7%) e um maior envolvimento dos enfermeiros nos setores de estágio no ensino da SAE (15,1%) (MENESES et al., 2019).

Ainda, no mesmo estudo foi evidenciado que uma pequena porcentagem dos estudantes apontou as aulas práticas da SAE (1,5%) como uma estratégia para um melhor aprendizado da mesma (MENESES et al., 2019). Esse quesito, difere-se de inúmeros estudos encontrados na literatura que reforçam essa estratégia como essencial para um melhor aprendizado da mesma. Nessa direção, conforme Moreira et al. (2013), o aprendizado eficaz está diretamente correlacionado a sua aplicação na práxis e a incorporação do ensino a sua aplicação rotineira, destacando que a realização da SAE na prática pelos discentes participantes da pesquisa, ocorre por meio de estudos de casos onde os mesmos aplicam a SAE em um determinado contexto.

Destarte, em consonância com as literaturas, ao observar os relatos dos discentes participantes desta investigação, é perceptível que os mesmos elencaram de forma unânime, uma estratégia para um melhor aprendizado da SAE, a sua aplicação associada as práticas. Enfatizando até mesmo, que a associação da teoria à prática possibilita além da construção de conhecimentos proficientes, uma atuação de qualidade.

“[...] a gente poderia ter práticas, eu acho que a prática ela é muito importante, e ela junta muito com a teoria. Quando a gente sabe a teoria, que na faculdade é uma maneira de a gente aprender da maneira certa, com a prática, tem uma maior chance de chegar perto da excelência. Porque estar colocando aquilo em prática, junto com a teoria, e com um professor que domina o tema, no caso a SAE, para estar nos corrigindo [...] futuramente quando futuros enfermeiros, vamos conseguir lidar com a SAE e com o processo de enfermagem com excelência”. (D1)

“[...] durante a disciplina ter práticas também, de como atuar, de como desenvolver, aplicar [...]”. (D9)

“Começar mais cedo, tanto a teoria quanto a prática, e os dois juntos, porque quando a gente vê que aquilo funciona, é mais fácil para o nosso cérebro assimilar[...] a SAE e o processo deveriam andar lado a lado, juntos, e não você primeiro ter teoria, teoria, teoria, e depois a prática. [...] acho que se, se tivesse mais práticas junto com a teoria, apesar de ser uma teoria muito maçante, mas dá para incluir a teoria na prática. Eu acho que, às vezes, ter uma prática dela, pelo menos no laboratório, igual

tem de semiologia, tem de saúde da criança, seria bom. Porque a gente assimilar aquilo na prática depois, junto em outra matéria, às vezes é difícil. Que você tem que assimilar muita coisa, muita coisa ali na cabeça [...] não é porque é uma teoria muito maçante, que não dá para colocar numa prática, às vezes, nem que seja uma vez por mês”. (D16)

“[...]eu acredito que as instituições de ensino hoje, elas deveriam colocar mais em prática o que é a teoria [...] acho que os professores às vezes, poderiam pegar o aluno, ir na beira do leito de um paciente ou qualquer coisa do tipo, e implementar toda a SAE e o processo, desde o começo até o final [...]”. (D20)

“[...] a aplicação na prática mesmo. Você estar ali, você visualizar, porque eu acho que a maioria das pessoas, consegue é na prática fazer, sabe? Vamos ali vamos aplicar a SAE, o processo, vamos fazer ali, junto com o paciente. [...] Porque você está olhando em um quadro, explicando, ainda dá para conseguir, mas quando você está ali, coloca [...] na frente assim [...] vivenciando ali, acho que vai muito mais fácil”. (D23)

Frente aos depoimentos dos discentes, vale enfatizar mais uma vez o quão necessário se faz a associação do ensino teórico-prático, sendo esse apresentado como uma estratégia eficaz para um melhor aprendizado da SAE. Diante disto, evidencia-se que quando o ensino é aplicado de forma simultânea ocorre uma maior fixação do mesmo, possibilitando dessa maneira uma melhor adesão e aceitação da SAE como um instrumento facilitador na atuação do enfermeiro.

Destaca-se ainda, em conformidade com Rodrigues, Fontana e Lipinski (2020), que uma estratégia que poderia fortalecer o ensino da SAE seria a realização da disciplina por períodos mais prolongados, não acontecendo em apenas uma disciplina exclusiva, podendo ser abordada por mais semestres e inter-relacionada a outras disciplinas¹. Observa-se que essa premissa vem de encontro aos depoimentos dos discente deste estudo, que afirmam que a aplicação da disciplina de SAE por ciclos mais extensos deixaria o aprendizado mais proveitoso.

“[...] Então, ter desde o primeiro período um pouco sobre. E a matéria de SAE, eu acho que poderia ter, SAE I e SAE II, porque aí a gente aprenderia tanto o processo de enfermagem quanto outras técnicas, ou atividades para sistematizar. Eu acho que ficaria mais dinâmico, porque um período só, eu achei muito pouco, para aprender tanta coisa”. (D8)

“Tem que ser mais trabalhado, para os próximos que virão [...] eu acho que talvez não só uma disciplina, um semestre, talvez até mais, não sei, eu acho que tem que intensificar mais”. (D12)

“[...] Eu acho que se tivesse como, seria ter mais uma disciplina, porque é muito pouco tempo seis meses para você aprender NANDA, NIC e NOC, é muito pouco tempo [...] só ali seis meses, eu acho muito pouco tempo para aprender isso. Se tivesse a oportunidade, sei lá, de dividir a matéria em um e dois, eu acho que seria interessante”. (D18)

“[...] Em relação a outras disciplinas também ensinar [...] colocar em prática, a SAE e o processo, não os deixar focado só na disciplina que é destinado a SAE, mas as outras disciplinas engajar, que eu acho que o aluno vai conseguir fixar mais”. (D20)

“[...] Eu acho que a carga horária deveria ser maior, mais horários, uma carga horária maior dessa matéria, justamente para esse entendimento melhor [...]” (D22)
“[...]aumentar um pouco mais a carga horária, ou ter outras disciplinas auxiliares ou individuais, por conta dessas questões, que facilitaria ainda muito mais [...] então acho que aumentar essa carga horária, aumentar um pouco dessa disciplina seria mais interessante”. (D26)

Diante dos relatos explanados, foi notório a unificação da percepção dos discentes a respeito de maiores períodos da disciplina da SAE, como uma estratégia para uma maior adesão do ensino e aplicabilidade da mesma na prática. Ainda, com relação ao quesito tempo da disciplina, um outro fator apontado como estratégia é o início de forma prévia da SAE, desde os primeiros períodos da graduação, permitindo um contato precoce com a mesma evitando preconceitos, assim como anseios e receios com a mesma.

“[...] incluir a SAE, incluir o processo desde de os primeiros períodos, e cobrar isso dos alunos, a anotação de enfermagem, e já esse pensamento de gerente, de colocar tudo organizado vai ser bem mais efetivo, vai fazer a diferença”. (D5)

“[...] na faculdade eu acho que [...] tinha que começar a trabalhar com a SAE desde o começo[...] tinha que começar desde o começo, começar a trabalhar nisso, porque quando a gente chega na matéria mesmo, ficamos meio perdidos. Até porque não vemos nos estágios do começo, estes estagiosinhos ainda mais de PSF. Aí, acho que deveria começar a trabalhar desde o começo de algumas matérias, pelo menos falar, explicar [...] dar casos, e já buscar ensinar para a gente a SAE, para não chegar assim na matéria e a gente ficar perdida [...]”. (D11)

“[...] acho que a SAE, teria que ser uma coisa, que teria que ficar batendo na tecla, muitas vezes e começar cedo. Eu acho que a gente começa aprender a SAE muito tarde [...] se começássemos a praticar mais cedo, como eu disse seria mais fácil, isso é uma coisa que eu daria como sugestão [...] a SAE, a gente pudesse tocar desde o início, não seria tão difícil e eu acho que vários hospitais já teriam aderido ela com mais facilidade e eficiência”. (D13)

“[...] um curso, desde o começo já sabe, a partir do terceiro período começar a introduzir a SAE. Porque até o final do nosso percurso acadêmico a gente já vai ter uma noção mais forte [...] fazer um curso, um cursinho assim mesmo, ou começar introduzir ela a partir do terceiro período”. (D19)

Com base nessas falas, ratifica-se então em conformidade com a literatura que o ensino da SAE deva ocorrer de forma integral, não sendo fragmentado entre os períodos de ensino, acontecendo desde o início da aprendizagem (ROCHA et al., 2019). Nessa direção, uma estratégia apontada por diversos estudos também são as simulações de realidades vivenciadas na prática do dia a dia do enfermeiro (ANDRADE et al., 2016). As simulações vêm sendo amplamente utilizadas na área de saúde, objetivando desencadear o intelecto, a reflexão e de modo consequente um aprendizado eficaz. Cabe ressaltar ainda, que as mesmas proporcionam um melhor aperfeiçoamento com relação as atividades da práxis do enfermeiro (LUCIO, 2022).

Acerca dessas assertivas, afirma-se que para utilizar das simulações em saúde como uma estratégia de ensino de qualidade é preciso estudos e organização para cada etapa. Podendo-se elencar como parâmetros para a sua construção, a realização de um diagnóstico situacional da problemática ali de ensino, e buscar estratégias que as mesmas sejam sanadas. Dessa maneira, será possível alcançar desfechos satisfatórias, assim como construir um elo com a realidade da práxis do enfermeiro (LUCIO, 2022). O que está evidenciado no discurso do discente D3, que trouxe a simulação como uma possível estratégia para um melhor aprendizado da SAE:

“[...] eu acho que ajuda muito a gente fazer simulação com casos clínicos ou práticos. E aí, ali no meio ter um momento para aplicar a SAE, para direcionar ali para o paciente, inclusive para os casos mais comuns, porque às vezes a gente faz uns casos clínicos nada a ver, acho que teria que ser para os mais comuns. Acho que ajudaria muito [...]”. (D3)

Com base nesse relato, observa-se que as simulações podem ser consideradas uma forma de construção de um ensino de qualidade da SAE, possibilitando adentrar um pouco na práxis trabalhadora dos enfermeiros. O que gera a construção de um conhecimento solidificado, onde ocorre de maneira clara a associação entre o ensino teórico e prático, viabilizando ainda mais a construção de aptidões e habilidades (COSTA et al., 2017).

Ainda nessa perspectiva, outra estratégia mencionada pelos discentes dessa pesquisa, foi a monitoria na disciplina de SAE. A monitoria é um instrumento capaz de facilitar a construção do aprendizado do discente, uma vez que se fundamenta no contato eficiente dos monitores com os estudantes. Essa possibilita maiores facilidades e aperfeiçoamento com relação a temas ministrados em aulas, estimulando maior raciocínio e sanando as dificuldades com relação a SAE (MOURA et al., 2021). Acrescido a essa assertiva, evidencia-se o discurso do discente D17, que retrata a respeito da monitoria principalmente para com relação do manuseio dos livros NANDA, NIC e NOC:

“[...] No âmbito escolar, acadêmico, eu acho que deveria ter monitor nessa disciplina, para poder nos auxiliar no manejo ali dos livros, porque assim a gente não consegue mudar isso, então se a gente conseguir facilitar [...]”. D17

Por meio dessa premissa, enfatiza-se a monitoria como uma estratégia facilitadora do aprendizado da SAE, uma vez que possibilita um aprofundamento na disciplina, assim como a construção de conhecimentos solidificados, descomplicando conseqüentemente também a aplicabilidade da mesma na prática.

Por fim, enfatiza-se o quão necessário se faz a construção de estratégias e/ou táticas durante a graduação para que o aprendizado da SAE ocorra de maneira qualificada e proficiente,

correlacionando o ensino teórico-prático de forma a possibilitar aos acadêmicos de enfermagem maior compreensão e valorização desta ferramenta. No entanto, somente a partir da construção de conhecimentos solidificados a respeito da importância do aprendizado e implementação da SAE que será possível inovar os sistemas de saúde, levando a uma maior adesão e reconhecimento pela maioria dos enfermeiros, devendo essa mudança iniciar-se durante a formação destes profissionais.

7.4.2 Estratégias para o desenvolvimento da Sistematização da Assistência de Enfermagem em lócus da práxis profissional

A história da SAE é marcada pelo mecanicismo do século XX, bem como alinhada as teorias da administração. No princípio era utilizada uma fragmentação de tarefas, normatizações e métodos, sendo influenciada pelo positivismo, visando o elo entre o meio e o dinamismo da organização do serviço. Nessa direção, compreendeu-se a precisão de inovações com relação a disposição da assistência, para assim ofertar um cuidado integral e contínuo (TONIOLO; PERES; MONTEZELI, 2022).

É sabido, que a SAE compõe os processos de serviço da enfermagem e a relação entre método, pessoal e instrumentos, promovendo a assistência de forma continuada e integral. Dessa maneira, ao analisar os constituintes da mesma, é válido afirmar a ausência de lugar para a desintegração e sua fundamentação nas teorias científica e clássica da administração. No entanto, afirma-se que a SAE é composta por um certo dinamismo, podendo ser vista por meio do pensamento complexo contribuindo de forma direta para a inovação da ordenação dos serviços de enfermagem (TONIOLO; PERES; MONTEZELI, 2022; MORIN, 2015).

Desse modo, compreende-se a SAE como uma ferramenta da gerência da assistência de enfermagem, sendo estruturada por vínculos e pensamentos geris que contribuem para a execução do processo assistencial. Cabe ressaltar que inúmeras vezes a gerência em enfermagem é marcada por uma cisão verticalizada, o que pode ser notado de forma assertiva com relação aos quesitos organizacionais perante ao PE. Entretanto, é evidente a precisão de se levar em consideração o elo entre os constituintes da SAE, sendo eles o método, o pessoal e os instrumentos, não os vendo de forma desarticulada uma vez que influem diretamente na qualidade do cuidado ofertado (TONIOLO; PERES; MONTEZELI, 2022).

Ademais, é preciso entender a SAE como uma articulação da assistência e o gerenciamento em enfermagem, visto que esta visão permitirá a fluência dos serviços de

enfermagem, possibilitando um cuidado de excelência e melhor desenvoltura e satisfação dos colaboradores.

Nessa direção, enfatiza-se um fator importantíssimo com relação a SAE, a integralidade do cuidado que a mesma proporciona, sendo esta por sua vez um princípio do SUS que transcende o cuidado curativo, buscando perceber o indivíduo como um todo, de forma holística. Assim a formação do enfermeiro atualmente preconiza o ensino da integralidade, almejando que o futuro profissional assista o paciente não simplesmente com o foco na patologia, mas sim holisticamente, percebendo o mesmo como um ser biopsicosocialespiritual (SANTOS et al., 2019).

Acrescido a isso, Báfica et al. (2021) enfatizam que a SAE possibilita a intercomunicação e melhorias com relação a gerência da assistência, viabilizando escolhas de decisões associada a ferramentas do trabalho a fim de ocasionar maior seguridade tanto para o profissional ao implementa-la assim como para o paciente. Nessa perspectiva, pode-se elencar como benefícios inerentes a implantação da SAE: ordenação e dinamismo da assistência, decisões assertivas, oportunidade de avaliação de desempenho, qualificação e seguridade no cuidado, ininterruptão e resolutividade da assistência, diminuição dos períodos de internação e consequentemente redução de insumos, trabalho em equipe, assim como respaldo profissional, entre outros inúmeros benefícios que a SAE pode acarretar (SANTOS et al., 2019).

No entanto, apesar das incontáveis benesses que a SAE oportuniza para todos os envolvidos, infere-se uma discrepância entre o seu conhecimento e o seu reconhecimento quando comparado a sua aplicabilidade na práxis do enfermeiro. Nessa lógica, em um estudo realizado por Santos et al. (2019) com uma equipe de enfermeiros, foi notório um déficit com relação ao aprendizado da SAE, ratificando-se que ainda que o mesmo ocorra, diversas vezes acontece incipiente, dificultando a aplicação da mesma e por consequência levando ao não alcance das mudanças organizacionais, e na assistência para com o paciente. Desse modo, cabe afirmar que a compreensão da SAE e de suas benesses é de suma relevância para que aconteça uma maior aquiescência da mesma, uma vez que ao reconhecer de forma clara suas vantagens, compreende-se com luminescência que todos os indivíduos são beneficiados (DIAS et al., 2022).

Destarte, percebe-se o quão necessário é um aprendizado eficaz a respeito da SAE, sendo o período de formação acadêmica um diferencial para a construção de conhecimentos acerca da temática, para que assim seja possível amenizar a dicotomia encontrada entre o ensino e a práxis profissional vivenciada pelos enfermeiros. No entanto, ao se considerar as realidades

encontradas nos serviços de saúde urge a necessidades de se encontrar meios de ensino que sejam capazes de melhorar o conhecimento destes com relação a SAE e sua implantação.

Diante dessa premissa, as equipes de enfermagem também possuem uma visão da SAE como um instrumento distante, do qual eles não são coparticipantes, sendo este também um fator que dificulta também a sua aplicação. Acerca da relevância desse assunto urge a precisão de se preparar e qualificar a equipe com relação ao conhecimento da SAE, afirmando que a eficácia da sua implantação somente acontece quando toda a equipe encontra-se capacitada e alinhada (BARRETO et al., 2020).

Assim faz-se necessário que o enfermeiro exerça o seu papel de liderança, possuindo capacidade de influenciar a sua equipe frente as benesses da SAE, visto que é considerado o profissional que incentiva e guia seus pares, possibilitando até mesmo meios para o aprendizado e suportes com relação a organização (SANTOS et al., 2019).

Nesse interim, afirma-se o quão necessário é o enfermeiro possuir uma educação permanente, sendo capaz de influenciar diretamente a sua equipe (OLIVEIRA et al., 2019). Isso posto, cabe afirmar que o reconhecimento e o comprometimento com a implementação da SAE devam partir primeiramente do enfermeiro, buscando aprimorar seus conhecimentos e trabalhar com o auxílio de ferramentas, a fim de possibilitar uma maior adesão e aplicação da mesma, assim como enfatizado pelo discente D6 a seguir:

“[...] Acho que primeiro vem da questão do próprio profissional, saber da importância, acho que buscar o conhecimento, isto é, uma estratégia, mas acho que acaba que parte de cada profissional [...]”. (D6)

Face a esse depoimento, destaca-se uma estratégia para o desenvolvimento da SAE na práxis do enfermeiro, a educação continuada, ou seja, uma busca constante por conhecimento, sendo possível por meio desta reconhecer realmente o diferencial da SAE para a assistência, assim como para quem a recebe. Salienta-se ainda mais uma vez, o papel do enfermeiro como líder e educador, visto que por meio da disseminação do seu conhecimento, é capaz de inovar de forma positiva toda a dinâmica de trabalho de sua equipe. Essas afirmações apontadas, simpatizam com uma pesquisa realizada por Barreto et al. (2020), que ressaltam que a capacitação da equipe é de suma importância, sendo esta realidade afirmada por enfermeiros participantes deste mesmo estudo, em que evidenciaram que a educação continuada e a educação permanente são inquestionáveis e insubstituíveis para sanar os anseios e obstáculos que dificultam a implantação da SAE.

Nessa direção, a literatura traz ainda incontáveis fatores que dificultam a aplicação da SAE, além de um conhecimento incipiente e raso da ferramenta. No entanto, é perceptível que existem mais dificuldades que facilidades para a sua implementação, sendo que entre os inúmeros quesitos que engessam a aplicação da SAE estão a desvalorização, a falta de reconhecimento, a falta de comunicação, a não associação entre a teoria e a prática, excesso de trabalho, cargas horárias extensas, equipes reduzidas, entre outros (BARRETO et al., 2020).

Em contrapartida o mesmo estudo aponta estratégias para a aplicação da SAE, visto que os enfermeiros, ainda que possuam limitações com relação a mesma, a reconhecem como fundamental, buscando assim meios de aplicá-la ainda que de forma fragmentada. Assim, entre as estratégias utilizadas pelos enfermeiros foram referidas a aplicação da SAE somente a pacientes mais graves, bem como em setores que houvessem mais profissionais enfermeiros para conseguirem desenvolver a SAE conforme a demanda do setor (BARRETO et al., 2020).

Somando a isso, uma outra estratégia apontada por Barreto et al. (2020) para facilitar o uso da SAE na práxis dos enfermeiros foi o uso de *checklist*, sendo evidenciado que esse instrumento permitia a realização dos diagnósticos de enfermagem de maneira mais eficiente, possibilitando ainda que outros profissionais conhecessem a situação clínica do paciente. Essa estratégia vai ao encontro dos depoimentos de alguns discentes deste estudo:

“[...] ter instrumentos próprios, tipo assim alguma ficha [...] acho que facilitaria na realização da SAE, pelo menos no começo até ter um domínio, até conseguir já ter os diagnósticos mais definidos, tipo um checklist, tipo uma ficha para ir preenchendo”. (D6)

“[...] em alguns hospitais eles já deixam até pré-moldados, ali de acordo com cada diagnóstico, para poder facilitar. Então, isso é uma coisa que eu acho que é muito difícil, deveria ser tudo no mesmo livro, que seria muito mais fácil, você olhou lá o diagnóstico do paciente, ali já está elencado é a intervenção, seria muito prático para nossas vidas [...]”. (D17)

Frente ao explanado, afirma-se que a priori o uso dos *checklists* podem sim auxiliar no emprego da SAE, viabilizando que os profissionais tenham maior aceitabilidade com a ferramenta, quebrando os tabus relacionados a esta. No entanto, é oportuno lembrar que o uso constante de *checklists* nem sempre serão a melhor opção, uma vez que estes podem gerir uma assistência mecanicista e deficitária, devido ao fato de induzirem os profissionais a uma abordagem igual para todos os clientes, esquecendo da individualidade e singularidade de cada um.

Outro quesito importante com relação a aplicação da SAE na práxis do enfermeiro é a organização e o planejamento por parte do enfermeiro, buscando antecipadamente conhecer a realidade da sua instituição de trabalho, realidade sociopolítica, assim como o que a mesma visa

alcançar. Associado a essa realidade, conhecer sua equipe de trabalho, com relação as suas vantagens e desvantagens, almejando formação e melhorias. Assim, a partir de um planejamento criterioso e da busca aprofundada da SAE, o profissional conseguirá implementá-la e por consequência comprovar suas benesses (BARRETO et al., 2020).

A partir dessa afirmativa, quanto mais o enfermeiro investir na busca pelo conhecimento e aperfeiçoamento a respeito da SAE, mais será capaz de construir uma bagagem sólida, bem como ofertar resultados que poderão ser sensibilizados devido as inúmeras vantagens, o que foi evidenciado no discurso do discente D5, compreendendo que investir tempo na SAE é sinônimo de qualidade da assistência ofertada ao paciente:

“[...] acho que um ponto positivo, de conseguir aplicar ela, de você tirar tempo, fazer reuniões, para buscar fazer ela, definir ela, é isso, é melhorar o atendimento ao paciente. O processo ali do cuidar do paciente e também organização da equipe, porque aí não vai ficar uma coisa subtendida, uma coisa definida, tudo certinho, tudo bem explicado. Eu acho que facilita muito”. (D5)

Nessa direção, afirma-se que investir tempo na aplicação da SAE, seja com relação a estudos, reuniões, capacitações e organizações da equipe, faz-se essencial. Frente a essa assertiva, uma outra estratégia apontada pelos discentes desta pesquisa diz respeito a busca de conhecimentos extracurriculares, ou seja, o interesse do profissional por cursos que foquem na SAE e no PE, possibilitando assim um aperfeiçoamento das tecnologias do cuidado:

“[...] acho que seria importante, assim no meu ver, acho que não somente a questão da faculdade, mas é ter mais cursos assim, focados em SAE e processo [...]”. (D14)

Coaduna-se diante do relato do discente D14, a importância do profissional de enfermagem buscar por cursos extracurriculares, não estando essa questão necessariamente relacionada ao tempo de graduação, assim como após o mesmo, quando o profissional já se encontrar em campos de atuação, visando sempre aprimorar os seus conhecimentos. Cabe ressaltar o quão importante se faz essa estratégia, uma vez que os profissionais apresentam um conhecimento fragmentado e deficitário a respeito da SAE, sendo essencial um aprofundamento desse aprendizado (OLIVEIRA et al., 2019; SANTOS et al., 2019; MOSER et al., 2018).

Por conseguinte, enfatiza-se que são muitos os fatores que dificultam a aplicação de forma eficaz da SAE. Dessa forma, faz-se necessário a busca incessante por um conhecimento eficaz e proficiente por parte dos enfermeiros, que conseqüentemente, serão capazes de influenciar e capacitar a sua equipe e a organização, sendo possível a partir dos benefícios

permeados pela implementação da SAE, alcançar estratégias que facilitarão a sua implantação de maneira integral e efetiva (BARRETO et al., 2020).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente a relevância deste estudo, e a busca do conhecimento a respeito da vivência e aprendizado acerca da SAE e do PE, foi precípuo a partir dos depoimentos dos discentes e suas subjetividades, elencar algumas considerações finais que possibilitaram o alcance dos objetivos desta pesquisa e seus questionamentos, além de apresentar justificativas da mesma tanto para o âmbito acadêmico como para os serviços de saúde.

O direcionamento em que os relatos dos discentes percorreram, foi possível a compreensão do cotidiano dos participantes com relação ao processo de aprendizado da SAE e do PE, sendo identificado suas facilidades e dificuldades, assim como elencadas estratégias para um melhor ensino durante a formação. Desse modo, diante dos objetivos, das questões norteadoras e da análise dos resultados desta pesquisa, observou-se inúmeras questões positivas frente ao reconhecimento da SAE e seus benefícios, assim como empecilhos e dificuldades com relação ao seu aprendizado e aplicação.

Nessa direção, perante a realidade do cenário dos acadêmicos de enfermagem e seus aprendizados, no tocante a categoria desvelando o significado da SAE na óptica dos discentes, originou-se a primeira subcategoria no que se refere ao conhecimento da SAE no processo acadêmico. Referente a essa subcategoria, elucidou que os discentes reconhecem a SAE como um instrumento imprescindível para o enfermeiro, como também entendem a SAE como uma ferramenta facilitadora da assistência de enfermagem, conseguindo diferenciar as definições entre a SAE e o PE, apontando-os como instrumentos distintos.

No que diz respeito à segunda subcategoria que aborda a SAE como um respaldo profissional, na percepção dos discentes é enfatizado que a sua realização de forma correta é capaz de fornecer reconhecimento e respaldo para o enfermeiro, uma vez que a partir da SAE as práticas são baseadas na cientificidade.

Na categoria facilidades da SAE na práxis profissional do enfermeiro, evidenciou-se duas subcategorias, sendo a primeira, os benefícios da SAE na percepção dos discentes e a segunda, facilidades para o aprendizado da SAE durante o processo de formação acadêmica. Na primeira subcategoria, foi evidenciado por meio dos relatos dos discentes, que eles reconhecem as incontáveis benesses da SAE, dentre elas, uma assistência qualificada e individualizada, a realização de decisões mais assertivas, melhoras no processo de reabilitação do paciente, assim como uma gerência de enfermagem realizada de forma eficaz, melhor compressão do trabalho em equipe e a autonomia que a sua realização fornece ao enfermeiro.

Acrescido a isso, referente a segunda subcategoria que diz respeito as facilidades para o aprendizado da SAE, ficou claro por meio das falas dos discentes, pontos essenciais para o aprendizado da metodologia perante a conduta que o docente ministra a disciplina, a diferenciação entre o PE e a SAE, o ver o paciente de forma integral, o ensino teórico associado ao prático, por fim, o entendimento das etapas do PE e a organização que a própria SAE possibilita.

Destarte, na categoria dificuldades no aprendizado do discente na aplicação da SAE foram extraídas duas subcategorias. Na primeira, foi abordado os receios e os anseios para o aprendizado da SAE, sendo elencados diversos fatores dificultadores do aprendizado da disciplina pelos discentes, dentre eles, o ensino de forma fragmentada que dificulta o seu aprendizado, principalmente quando não ocorre a associação da mesma a outras disciplinas, como também foi apontado o período restrito em que é ministrada a disciplina, impasse este que dificulta pela carga horária ou por seu início tardio.

Somado a essa temática, no tocante ao PE segundo os relatos dos acadêmicos de enfermagem, há uma dificuldade acerca do manuseio dos sistemas de linguagem, sendo a principal dificuldade com relação a NANDA-I, porém é precípua que muitos dos discentes relataram possuir dificuldades referente a mais de uma dessas taxonomias. Por fim, um outro quesito evidenciado como dificuldade, foi o fato da disciplina de SAE ter sido realizada durante o período pandêmico da COVID-19, sendo esta questão impactante na qualidade do aprendizado e do ensino.

Já a subcategoria que retrata a respeito da dicotomia entre a teoria e a prática, aborda a discrepância entre o que é aprendido na universidade e a práxis trabalhadora. Assim, diante dos depoimentos dos discentes evidencia-se a existência dessa dicotomia durante os períodos de formação e a realidade nos serviços de saúde, o que é responsável por gerar situações conflituosas. Acrescido a isso, enfatiza-se ainda a não realização da SAE na práxis trabalhadora, o que também aumenta as lacunas da dicotomia entre a teoria e a prática quando os alunos migram para os campos de estágio, uma vez que a SAE não é aplicada e quando aplicada ocorre de forma fragmentada.

Por fim, a última categoria, estratégias na percepção do discente para a melhoria do aprendizado da SAE nos centros formadores, apresenta duas subcategorias que proporcionam possíveis táticas para sanar as problemáticas encontradas no presente estudo. Na primeira subcategoria referente a estratégias para o desenvolvimento da SAE em práticas simuladoras no âmbito acadêmico, os discentes elencaram algumas condutas, tais como a associação da teoria as práticas, sendo reforçado que essa associação é essencial para um aprendizado de

qualidade, assim como para a sua aplicação. Outra estratégia apontada, foi a realização da disciplina por períodos mais extensos sem a sua fragmentação, ou seja, perdurar por mais semestres, assim como a apresentação da disciplina em períodos iniciais da graduação, possibilitando assim um maior tempo de aprendizado e um ensino mais criterioso.

Agregado a essas assertivas, foram apontadas as simulações realísticas, uma vez que permitem adentrar um pouco na prática trabalhadora dos enfermeiros, sendo esta estratégia considerada uma inovação de ensino de qualidade, que vem sendo amplamente utilizada na saúde como metodologia ativa. Enfim, foi apontada também, a realização de monitorias da disciplina de SAE, sendo essa considerada facilitadora do aprendizado, possibilitando um maior aprofundamento no conhecimento e manuseio dos Sistemas de Linguagem.

Assim, na última subcategoria que diz respeito a estratégias para o desenvolvimento da SAE em lócus da prática profissional, os discentes elencaram pontos fundamentais para a concretização do ensino da SAE, podendo citar a educação continuada, sendo enfatizado a busca constante de conhecimento por parte do enfermeiro, realizando um diferencial com relação a implantação e implementação da SAE. Outro quesito fundamental foi o uso de *checklists*, ratificando o mesmo como instrumento facilitador na aplicação da SAE, como também foram retratadas estratégias de se investir tempo na aplicação da SAE gerando capacitações, treinamentos e grupos de estudos.

Em síntese, por meio das análises de todos os depoimentos apresentados no presente estudo, destaca-se mais uma vez o quão relevante e essencial é a SAE, sendo esta reconhecida pelos discentes de enfermagem como uma ferramenta primordial que opera diretamente na excelência da qualidade da assistência, proporcionando inúmeras benesses para o paciente, equipe e instituição de saúde.

A partir desta investigação, foi notório que os acadêmicos possuem sim um conhecimento satisfatório acerca da SAE e a reconhecem como um instrumento organizador da assistência que viabiliza o PE. No entanto, é nítido ainda algumas dificuldades elencadas pelos discentes que necessitam de um maior cuidado por parte dos centros formadores para que o aprendizado dessa ferramenta aconteça de forma ainda mais proficiente.

Por conseguinte, para que o aprendizado da SAE e do PE ocorra de forma harmoniosa e satisfatória, faz-se primordial um corpo docente qualificado, que tenha *expertise* no assunto e que trabalhe de forma unânime, proporcionando uma associação entre as demais disciplinas do Projeto Pedagógico, assim como a disciplina ser realizada por períodos mais extensos. Dessa forma, as lacunas entre o ensino teórico-prático serão rompidas, tendo mais coerência entre o que é aprendido nos centros formadores com a realidade da prática profissional.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Y. N. L. et al. Conhecimento de acadêmicos de enfermagem sobre o ensino-aprendizagem na Sistematização da Assistência de Enfermagem. **Rev. Rene (Online)**, v. 17, n. 5, p. 602- 609, 2016. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/6181>. Acesso em: 16 set. 2022.
- BÁFICA, A. C. M. F. et al. Atenção Primária à saúde abrangente: Ampliando acesso para uma enfermagem forte e resolutiva. **Enferm. Foco (Brasília)**, v. 12, n. 1, p.61-66, 2021. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/5190/1160>. Acesso em: 04 set. 2022.
- BARRETO, J. J. S. et al. Registros de Enfermagem e os desafios de sua execução na prática assistencial. **REME rev. min. enferm**, v. 23, e1234, 2019. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/reme.org.br/pdf/e1234.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2022.
- BARRETO, M. S. et al. Sistematização da assistência de enfermagem: a práxis do enfermeiro de hospital de pequeno porte. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.** v. 24, n. 4, e20200005, 2020. Disponível em http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452020000400211&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 out. 2021.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução Nº 466 de 12 de dezembro de 2012**. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União. 13 jun. 2013. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 05 out. 2020.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qual Res Psychol**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: file:///C:/Users/Beatriz/Downloads/Using_thematic_analysis_in_psychology.pdf. Acesso em: 05 out. 2021.
- BUFFON, A. D.; MARTINS, M. R.; NEVES, M. C. D. A fenomenologia como Procedimento Metodológico em Pesquisa Qualitativa na Formação de Professores. XI **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. p. 1-8. Florianópolis-SC, jul. 2017. Disponível em: <http://www.abrapecnet.org.br/enpec/xi-enpec/anais/resumos/R0401-1.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2021.

BURGATTI, J. C. et al. Estratégias pedagógicas para o desenvolvimento da competência ético-política na formação inicial em Enfermagem. **Rev. bras. enferm. (online)**, v. 66, n. 2, p. 282-286. Brasília, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/QXTHVdk5Mg8McVPLDTgY5tn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2022.

CERCILIER, P. et al. Sistematização da assistência de enfermagem: uma década de implementação sob a ótica do enfermeiro. **Rev. Enferm. Atual In Derme**, v. 95, n. 34, 2021. Disponível em: <https://revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/996/871>. Acesso em: 05 set. 2022.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). **LEI N 7.498/86, DE 25 DE JUNHO DE 1986** Dispõe sobre a lei do exercício profissional do enfermeiro. Brasília-DF. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/lei-n-749886-de-25-de-junho-de-1986_4161.html>. Acesso: 23 set. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). **Resolução n. 358 de 15 de outubro de 2009**. Dispõe sobre a Sistematização da Assistência de Enfermagem e a implementação do Processo de Enfermagem em ambientes, públicos ou privados, em que ocorre o cuidado profissional de Enfermagem, e dá outras providências. Brasília-DF. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/resoluo-cofen-3582009_4384.html>. Acesso: 23 set. 2021.

COSTA, R. R. O. et al. Percepção de estudantes da graduação em enfermagem sobre a simulação realística. **Rev. Cuid**, v. 8, n. 3, p. 1799-1808, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/cuid/v8n3/2216-0973-cuid-08-03-1799.pdf>. Acesso em: 28 set. 2022.

DIAS, T. G. et al. Sistematização da assistência e processo de enfermagem na saúde da família: percepção de enfermeiros. **J. nurs. health.**, v. 12, n. 1, e2212120794, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/20794>. Acesso em: 22 ago. 2022.

DUARTE, E. L.; VASCONCELOS, K. G.; OLIVEIRA, W. P. Sistematização da assistência de enfermagem e a segurança do Paciente. **Rev. Cient. da Fac. Educ. e Meio Ambiente**, v. 10, n. especial, p. 113-118, 2020. Disponível em: <https://revista.faema.edu.br/index.php/Revista-FAEMA/article/view/1131/1038>. Acesso em: 09 out. 2022.

FABRI, R. P. et al. Development of a theoretical-practical script for clinical simulation. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 51, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reusp/a/BQr7hRjtgCwF3c9BsDR7Wtq/?lang=en>. Acesso em: 28 set. 2022.

FERRACIOLI, G. V. et al. Competências gerenciais na perspectiva de enfermeiros do contexto hospitalar. **Enferm. Foco (Brasília)**, v. 11, n. 1, p. 15-20, 2020. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/2254>. Acesso em: 28 out. 2021.

FERREIRA, L. L. et al. **Conhecimento, atitude e prática de estudantes de enfermagem: o processo de enfermagem segundo a CIPE**. Repositório dos Trabalhos de Conclusão de Cursos da FPS- Faculdade Pernambucana de Saúde-2021. Disponível em: <https://tcc.fps.edu.br/jspui/bitstream/fpsrepo/1015/1/Conhecimento%2C%20atitude%20e%20pr%20tica%20de%20estudantes%20de%20enfermagem%20o%20processo%20de%20enfermagem%20segundo%20a%20CIPE%20AE.pdf>. Acesso em: 29 out. 2021.

FONTES, I. M. V. et al. Percepção dos enfermeiros acerca da aplicabilidade do processo de enfermagem. **Ciênc. Biológicas e de Saúde Unit**, v. 7, n. 2, p. 110-120, 2022. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernobiologicas/article/view/5173/4925>. Acesso em: 25 ago. 2022.

FRATIN, G. **Sistematização da assistência de enfermagem: observatório como ferramenta virtual gerencial**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná. Paraná, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/66515/R%20-%20D%20-%20GIOVANA%20FRATIN.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 set. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, L. R. R. et al. O desafio de implantar a sistematização da assistência de enfermagem sob a ótica de discentes. **Esc. Anna Nery R. Enferm**, v. 11, n. 3, p. 459-465, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/6ZGXvskntq5ByHJJWYzSswD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 set. 2022.

LIMA, E. P. O. et al. Avaliação do uso de um sistema de classificação na assistência de enfermagem: relato de experiência. **Rev. Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 2, e6330, 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/6330>. Acesso em: 25 out. 2021.

LIMA, A. F. C.; MELO, T. O. Percepção de enfermeiros em relação à implementação da informatização da documentação clínica de enfermagem. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 46, n. 1, p. 175-183, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reusp/a/hvr7kdG7yjPVFCMPpWWyf5z/?lang=pt>. Acesso em: 15 jun. 2021.

LUCIO, K. D. B. **Eficácia da simulação clínica aliada ao mapa conceitual na habilidade do raciocínio diagnóstico de discentes de enfermagem**. Tese (Doutorado)-Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-graduação em Enfermagem. Natal, RN, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/47234>. Acesso em: 01 set. 2022.

MARTINS, K. N. et al. Processo gerencial em centro cirúrgico sob a ótica de enfermeiros. **Acta. paul. enferm.**, v. 34, eAPE00753, 2021. Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002021000100438&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 out. 2021.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Fundamentos e Recursos Básicos**. São Paulo: Moraes, 1983.

MARTINS, J. D. N. et al. Implementação de uma liga acadêmica de sistematização de enfermagem na região Norte. **Rev. Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 11, p. 3960, 2020. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/985>. Acesso em: 28 out. 2021

MENESES, A. R. C. et al. Dificuldades dos acadêmicos de enfermagem na aplicabilidade da sistematização da assistência de enfermagem. **Rev. Fun Care Online**, v. 11, n. 1, p.181-185, 2019. Disponível em: http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/6879/pdf_1. Acesso em: 19 out. 2021.

MENEZES, S. R. T.; PRIEL, M. R.; PEREIRA, L. L. Autonomia e vulnerabilidade do enfermeiro na prática da Sistematização da Assistência de Enfermagem. **Rev. Esc. Enferm. USP.**, v. 45, n. 4, p. 953-958, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reusp/a/9ZLNnXdFnNXXSsz4JKft8Hqf/?lang=pt>. Acesso em: 22 ago. 2022.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOREIRA, V. et al. Sistematização da Assistência de Enfermagem: desafios na sua implantação. **Rev. InterScientia**, v.1, n. 3, p. 60-79, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unipe.br/index.php/interscientia/article/view/48/45>. Acesso em: 11 nov. 2021.

MOSER, D. C. et al. Sistematização da Assistência de Enfermagem: percepção dos enfermeiros. **Rev. Fun Care Online**, v. 10, n. 4, p. 998-1007, 2018. Disponível em: http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/6296/pdf_1. Acesso em: 20 out. 2021.

MORAES, M. C. S. et al. Liderança coaching na enfermagem e sua influência na satisfação profissional e segurança do paciente. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 55, e03779, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reusp/a/d5BZcsqXFNkwnYZxmJJmDJr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 out. 2021.

MORIN, E. Introdução ao pensamento complexo. 5. ed. Porto Alegre: Editora Meridional/Sulina, 2015. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5566228/mod_resource/content/1/LIVRO%20Edgar%20Morin%20-%20Introduc%CC%A7a%CC%83o%20ao%20Pensamento%20Complexo.pdf. Acesso em: 28 set. 2022.

MORORÓ, D. D. S. et al. Análise conceitual da gestão do cuidado em enfermagem no âmbito hospitalar. **Acta. Paul. Enferm.**, v. 30, n. 3, p. 323-332, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/KkrK5LqytwSghLpg3vFzvbj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 out. 2021.

MOURA, A. V. S. M. et al. Importância do ensino da sistematização da assistência de enfermagem (SAE): reflexão de alunos monitores. **Conex. Unifametro**, 2021. Disponível em: https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-5783e5a8caafbb8b681f4ccad7798912488ff795-segundo_arquivo.pdf. Acesso em: 07 set. 2022.

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. **Rev. adm. contemp.**, v. 15, n. 4, p. 731-747, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141565552011000400010&script=sci_arttext&tlng=p. Acesso em 15 out. 2020.

OLIVEIRA, M. R. et al. Nursing care systematization: perceptions and knowledge of the Brazilian nursing. **Rev. bras. enferm.**, v. 72, n. 6, p. 1547-1553, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/ZWvwqvt3P7WGI7yry9pVpxp/?lang=pt&format=pdf>. Acessado em: 13 setembro 2022.

PEREIRA, G. N. et al. Relação entre sistematização da assistência de enfermagem e segurança do paciente. **Enferm. foco (Brasília)**, v. 8, n. 2, 2017. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/985>. Acesso em: 28 out. 2021.

PEREIRA, J. J. et al. Negative nursing stereotypes: past or present? **Hist. enferm., Rev. eletrônica**. v. 13, n. 1, p. 21-8, 2022. Disponível em: <https://here.abennacional.org.br/here/v13/n1/a2.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2022.

PISSAIA, L. F.; COSTA, A. E. K.; OLIVEIRA, E. C. O Ensino da Sistematização da Assistência de Enfermagem sob uma perspectiva contemporânea da literatura. **Revi. Edu. Mais**, v.5, n. 2, p. 439- 452, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/2327>. Acesso em: 15 set. 2022.

RIBEIRO, G. C.; PADOVEZE, M. C. Nursing Care Systematization in a basic health unit: perception of the nursing team. **Rev. Esc. Enferm. USP.**, v. 52, e03375, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/qZL5hLGY7zzgmvrgeF9GvmJ/?lang=en&format=pdf>. Acesso em: 27 out. 2021.

RIBEIRO, G. M. M. R. et al. O processo de trabalho gerencial do enfermeiro no setor de hiperdia na atenção básica. **Enferm. foco (Brasília)**, v. 11, n. 3, p. 93-97, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/55359/Downloads/3350-22330-1-PB.pdf>. Acesso em: 28 out. 2021.

ROCHA, M. M. S. et al. Sistematização da Assistência de Enfermagem na perspectiva do docente. **J. Health NPEPS**. v. 4, n. 1, p. 144-152, 2019. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/06/999661/3356-12852-1-pb.pdf#:~:text=Resultados%3A%20o%20ensino%20da%20a,aplicabilidade%20em%20sala%20de%20aula.&text=Esses%20fatores%20prejudicam%20a%20implementa%C3%A7%C3%A3o,futuramente%2C%20no%20trabalho%20do%20enfermeiro>. Acesso em: 11 nov. 2021.

RODRIGUES, E. S.; FONTANA, R. T.; LINPINSKI, J. M. Educating for the systematization of nursing care through a website. **Res., Soc. Dev.** v. 9, n. 10, e2229108420, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/8420>. Acesso em: 21 set. 2022.

SANTANA, R. F. Sistematização da Assistência de Enfermagem uma invenção brasileira? **Rev. enferm. atenção saúde**, v. 8, n. 2, p.1-2, 2019. Disponível em: file:///C:/Users/55359/Downloads/norma,+%23Editorial+PT+ok.pdf. Acesso em: 15 set. 2022.

SANTOS, A. T. S. Integralidade do cuidado na formação do enfermeiro: visões e vivências do acadêmico de enfermagem. **Enferm. foco (Brasília)**, v. 10, n. 1, p. 122-126, 2019. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1397/507>. Acesso em: 03 out. 2022.

SANTOS, F. C. et al. Sistematização da Assistência de Enfermagem na perspectiva da equipe de enfermagem de um hospital público do norte do Brasil. **Rev. Nursing**, v. 22, n. 256, p. 3155- 3159, 2019. Disponível em: <http://www.revistanursing.com.br/revistas/256/pg25.pdf>. Acesso em: 22 out. 2021.

SANTOS, F. B. O. et al. Saberes desafios e perspectivas sobre a sistematização da assistência de enfermagem. **Rev. Enferm. Contemp**, v. 9, n. 1, p. 41-49, 2020. Disponível em: file:///C:/Users/55359/Downloads/2546-Texto%20do%20Artigo-20068-1-10-20200917.pdf. Acesso em: 15 set. 2022.

SANTOS, F. O. F.; MONTEZELI, J. H.; PERES, A. M. Autonomia profissional e sistematização da assistência de enfermagem: percepção de enfermeiros. **REME rev. min. enferm.** v. 16, n. 2, p. 251-257, 2012. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/526>. Acesso em: 05 set. 2022.

SANTOS, G. L. A.; VALADARES, G.V. Sistematização da Assistência de Enfermagem: buscando contornos teóricos definitórios e diferenciadores. **Rev. Esc. Enferm. USP.**, v. 56, e20210504, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/pVY76nQr68pFx4B6BSt3YgH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 set. 2022.

SANTOS, G. L. A et al., Sistematização da assistência de enfermagem: compreensão à luz de seus pilares e elementos constituintes **Enferm. foco (Brasília)**, v. 12, n. 1, p.168-73, 2021. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3993>. Acesso em: 23 ago. 2022.

SANTOS, I. A.; APARECIDO, T. C. Diagnóstico de enfermagem em urgência e emergência. **Res., Soc. Dev.**, v. 10, n. 14, e159101421937, 2021. Disponível em: file:///C:/Users/55359/Downloads/21937-Article-263580-1-10-20211029%20(1).pdf. Acesso em: 10 nov. 2021.

SANTOS, J. L. G. et al. Práticas de enfermeiros na gerência do cuidado em enfermagem e saúde: revisão integrativa. **Rev. bras. enferm**, v. 66, n. 2, p. 257-263, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/zpPkwjwD6CkNvKnXvRWmXQv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 out. 2021.

SANTOS, W. N. Sistematização da assistência de enfermagem: o contexto histórico, o processo e obstáculos da implantação. **JMPHC/ J Manag Prim Health Care**, v. 5, n. 2, p. 153-158, 2014. Disponível em: <https://www.jmphc.com.br/jmphc/article/view/210>. Acesso em: 21 out. 2021.

SILVA, A. N. I. et al. Boas práticas de liderança do enfermeiro no contexto hospitalar. **Rev. Nursing**, v. 24, n. 276, p. 5726- 5730, 2021. Disponível em: <http://revistas.mpmcomunicacao.com.br/index.php/revistanursing/article/view/1253/1742>. Acesso em: 27 out. 2021.

SILVA, C. C. et al. O ensino da Sistematização da Assistência na perspectiva de professores e alunos. **Rev. eletrônica de enferm**, v. 13, n. 2, p. 174–181, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/12390>. Acesso em: 11 nov. 2021.

SILVA, J. P. et al. Sistematização da Assistência de Enfermagem na graduação: um olhar sob o Pensamento Complexo. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 23, n. 1, p. 59-66, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/4mwpmn7m7KY7Y76XnRnCsYK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 out. 2021.

SOARES, M. I. et al. O significado do processo de enfermagem para alunos de graduação em enfermagem. **Rev. enferm. UFPE on line**, v. 7, n. 1, p. 162-167, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/10217/10797>. Acesso em: 28 out. 2021.

SOARES, M. I. et al. Sistematização da assistência de enfermagem: facilidades e desafios do enfermeiro na gerência da assistência. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm**, v. 19, n. 1, p. 47-53., 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/ghYPrPYCdG68TBW5yxrGqbq/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 out. 2021.

SOUSA, A. R. et al. Management technology for implementing the Systematization of Nursing Care. **Rev. Esc. Enferm. USP.**, v. 56, e20220028, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reusp/a/w7pwSWsFLQDJrRJB4rNYMHQ/abstract/?lang=en>. Acesso em: 14 set. 2022.

SOUZA, G. B. et al. Sistematização da assistência de enfermagem e processo de enfermagem: conhecimento de graduandos. **Braz. J. Hea. Rev.**, v. 3, n. 1, p. 1250-1271, 2020. Disponível em: < <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BJHR/article/view/7140/6229> >. Acesso: 31 ago. 2022.

SOUZA, M. A.; CABEÇA, L. P. F.; MELO, L. L. Pesquisa em enfermagem sustentada no referencial fenomenológico de Martin Heidegger: ajudas auxiliares para o cuidado. **Rev. Av. enferm.**, v. 36, n. 2, p. 230-237, 2018. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-45002018000200230&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 de setembro de 2022.

SPRINGER, A. R. A. S. **Sistematização da assistência de enfermagem**: capacitação de enfermeiros para a avaliação inicial do paciente oncológico. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/11/1025297/springer_relatorio-de-pesquisa.pdf> Acesso em: 19 out. 2021.

TONIOLO, R. M. M; PERES, A. M; MONTEZELI, J. H. Aproximações entre sistematização da assistência de enfermagem, complexidade e ontologia na prática profissional do enfermeiro. **Rev. gaúcha enferm. (online)**, v. 43, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rgenf/article/view/124826/84993>. Acesso em: 03 set. 2022.

VALBUENA-DURÁN, L. D. et al. Liderazgo en enfermería, factores sociodemográficos y profesionales asociados: percepción de líderes y clasificadores. **Aquichan**, v. 21, n. 2, p. 2125, 2021. Disponível em: <https://aquichan.unisabana.edu.co/index.php/aquichan/article/view/14627>. Acesso em: 27 out. 2021.

VALE, E. G, PAGLIUCA, L. M. F, QUIRINO, R. H. R. Saberes e práxis em enfermagem. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm**, v. 13, n. 1, p. 174-180, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/hmjTkjFqnHfNRrMPSHtDmWc/?format=pdf&lang=pt#:~:text=A%20pr%C3%A1xis%20denuncia%20a%20racionalidade,processo%20de%20cuidar%20em%20enfermagem>. Acesso em: 30 ago. 2022.

ANEXOS

Anexo I- Termo de Autorização [REDACTED]

UNILAVRAS
 Centro Universitário de Lavras
 www.unilavras.edu.br
 Setor Pesquisa
 25 3644 8144
 coord@pq@unilavras.edu.br
 Rua Padre José Poggel, 506
 Centenário - Lavras - MG
 Cepo 37300-000
 Lavras, 09 de novembro de 2021.
 Prezados(a) Senhor(a),



Venho por meio desta, solicitar a autorização para realizar a coleta de dados referente ao projeto de iniciação científica, intitulado "SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA ÓPTICA DOS DISCENTES: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA". O projeto tem previsão para ser desenvolvido em 12 meses, a partir da aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição proponente, pela aluna de Iniciação Científica Beatriz Garcia de Melo, acadêmica do curso de graduação em Enfermagem, do [REDACTED] sob orientação da Professora Doutora Mirelle Inácio Soares, também vinculada a esta instituição de ensino superior.

O objetivo da pesquisa é analisar as facilidades e dificuldades do aprendizado da Sistematização da Assistência de Enfermagem e do Processo de Enfermagem pelos discentes do Curso de Graduação em Enfermagem e elaborar estratégias de ensino-aprendizagem por meio da óptica dos discentes. Estimamos que a coleta de dados irá acontecer por meio de entrevistas individuais direcionadas por questões norteadoras, utilizando gravadores digitais com o intuito de registrar os discursos dos discentes entrevistados. Assim, pretende-se trabalhar com os discentes do nono e do décimo períodos que já cursaram a Disciplina "Sistematização da Assistência Enfermagem", em horário a ser combinado e autorizado previamente.

Esclarecemos nosso compromisso no manuseio das informações, anonimato dos participantes e observância de todos os preceitos éticos que orientam o desenvolvimento de pesquisa com seres humanos, conforme Resolução CNS 466/12.

Certas de contar com seu apoio, antecipadamente agradecemos, colocando-nos à disposição para quaisquer outros esclarecimentos.

Atenciosamente,


 Prof.ª. Dra. Mirelle Inácio Soares
 Orientadora


 Beatriz Garcia de Melo
 Aluna de Iniciação Científica

De acordo: [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED]

UNILAVRAS

Centro Universitário de Lavras
www.unilavras.edu.br

Setor Pesquisa
55 3634 3144
coordpesq@unilavras.edu.br

Rua Padre Joel Poggel, 506
Carmópolis - Lavras - MG
Cep: 37100-000

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA**

Eu, _____, ocupo o cargo
de _____ AUTORIZO

Mirelle Inácio Soares, _____ aluna Beatriz Garcia de Melo, do curso de
Enfermagem do UNILAVRAS, a realizar o projeto "Sistematização da Assistência de Enfermagem na
óptica dos discentes: uma abordagem fenomenológica" que tem por analisar o significado da
Sistematização da Assistência de Enfermagem na óptica dos discentes do último ano do Curso de Graduação
em Enfermagem de uma Universidade Privada do Sul de Minas Gerais.

Os pesquisadores acima qualificados se comprometem a:

- 1- Iniciarem a coleta de dados somente após o Projeto de Pesquisa ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.
- 2- Obedecerem às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, garantindo-lhes o máximo de benefícios e o mínimo de riscos.
- 3- Assegurarem a privacidade das pessoas citadas nos documentos institucionais e/ou contatadas diretamente, de modo a proteger suas imagens, bem como garantem que não utilizarão as informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou da instituição, respeitando deste modo as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS N° 466/2012, e obedecendo as disposições legais estabelecidas na Constituição Federal Brasileira, artigo 5º, incisos X e XIV e no Novo Código Civil, artigo 20.
- 4- A pesquisa será realizada somente após assinatura do TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, pelo voluntário ou responsável.

Lavras, 17 de NOVEMBRO de 2021

(assinatura do responsável institucional)

Anexo II- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Folha - 1

Título do Estudo: Sistematização da assistência de enfermagem na óptica dos discentes: uma abordagem fenomenológica

Pesquisador(es) responsável(is): Mirelle Inácio Soares

Instituição/Departamento: Curso de Enfermagem

Endereço postal: [REDACTED]

Endereço eletrônico: [REDACTED]

Telefone pessoal para contato: [REDACTED]

Telefone institucional para contato: [REDACTED]

Local da coleta de dados: [REDACTED]

Prezado (a) Senhor (a):

- Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de forma totalmente voluntária.
- Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento.
- Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decida a participar.
- Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira.
- Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito, não acarretando qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador.

Objetivo do estudo: Analisar o significado da Sistematização da Assistência de Enfermagem na óptica dos discentes do último ano do Curso de Graduação em Enfermagem de uma Universidade Privada do Sul de Minas Gerais.

Justificativa do estudo: Este estudo visa contribuir na investigação de como está sendo concretizado o ensino da SAE e do PE nos centros formadores, para que possam ser analisadas as facilidades e as dificuldades encontradas no processo de formação acadêmica, de modo a intervir e concretizar a execução dessas ferramentas nos serviços de saúde, como também, posteriormente, desenvolver estratégias de ensino-aprendizagem, a fim de proporcionar uma melhor compreensão sobre a SAE e PE no processo de trabalho do enfermeiro.

Procedimentos. Sua participação nesta pesquisa consistirá no preenchimento deste questionário e do sociodemográfico e participando da entrevista individual, que será registrada por meio de gravadores digitais.

Benefícios. Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, sem benefício direto para você.

Riscos. Sabe-se que muitos discentes não se sentem à vontade para relatar suas dificuldades e facilidades relacionadas ao significado da SAE. Caso isso ocorra, a entrevista poderá ser interrompida sem que você sofra qualquer prejuízo pessoal ou profissional.

Sigilo. As informações e discurso fornecidos por você serão confidenciais e de conhecimento apenas dos pesquisadores responsáveis e seu nome não será identificado de forma alguma, mesmo após a divulgação dos resultados da pesquisa.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada com o pesquisador responsável e a outra será fornecida a você.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Folha - 2

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos do estudo “Sistematização da assistência de enfermagem na óptica dos discentes: uma abordagem fenomenológica”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Lavras, _____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do Orientador: _____

(Nome e CPF)

Assinatura do Pesquisador Responsável: _____

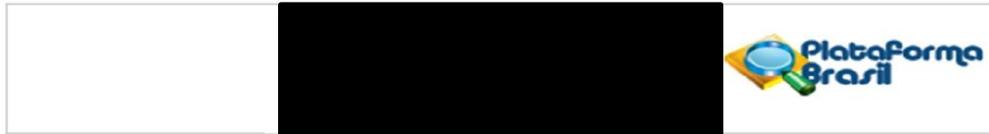
(Nome e CPF)

Sujeito da Pesquisa/Representante Legal: _____

(Nome e CPF)

Contato do CEP:

Anexo III- Parecer do Comitê de Ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA ÓPTICA DOS DISCENTES: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA

Pesquisador: Mirelle Inácio Soares

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: [REDACTED]

Instituição Proponente: [REDACTED]

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: [REDACTED]

Apresentação do Projeto:

A Sistematização da Assistência de Enfermagem é um método que visa orientar e nortear o cuidado a ser prestado ao paciente, que se fundamenta na cientificidade, viabilizando a aplicação do Processo de Enfermagem. O Processo de Enfermagem permite ao enfermeiro oferecer uma assistência ao paciente de forma sistematizada, em que é composto por cinco etapas interdependentes, dentre elas, o histórico de enfermagem, o diagnóstico de enfermagem, o planejamento das ações de enfermagem, a implementação das intervenções de enfermagem e a avaliação ou evolução de enfermagem. Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa, seguindo a trajetória fenomenológica. Realizado com alunos do 9º e 10º do curso de enfermagem, sobre a SAE. A análise dos dados será feita por meio da análise temática indutiva.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Geral

Analisar o significado da Sistematização da Assistência de Enfermagem na óptica dos discentes do último ano do Curso de Graduação em Enfermagem de uma Universidade Privada do Sul de Minas Gerais.

Objetivos Específicos





Continuação do Parecer: 5.167.618

- Analisar as facilidades do aprendizado da Sistematização da Assistência de Enfermagem e do Processo de Enfermagem, pelos discentes do Curso de Graduação em Enfermagem.
- Analisar as dificuldades do aprendizado da Sistematização da Assistência de Enfermagem e do Processo de Enfermagem pelos discentes do Curso de Graduação em Enfermagem.
- Elaborar estratégias de ensino-aprendizagem por meio da óptica dos discentes do Curso de Graduação em Enfermagem a fim de proporcionar uma melhor compreensão acerca da Sistematização da Assistência de Enfermagem e do Processo de Enfermagem.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos ou possíveis desconfortos: sabe-se que os discentes do Curso de Graduação em Enfermagem podem não se sentirem à vontade ao relatarem suas dificuldades relacionadas ao seu aprendizado. Caso isso ocorra, a entrevista poderá ser interrompida, e será esclarecido ao participante que o objetivo desta investigação não será julgamentos quanto ao seu conhecimento, mas sim, trazer condições que favoreçam estratégias para ofertar melhorias no ensino-aprendizagem da SAE.

Benefícios: os participantes poderão se beneficiar desta investigação por meio da explanação dos seus anseios e desejos em relação ao aprendizado da SAE, possibilitando assim implantação de estratégias que viabilizem a execução da SAE nos diversos cenários da saúde, auxiliando-os e atribuindo-lhes segurança e autonomia a fim de ofertar qualidade na assistência prestada ao paciente.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto bem escrito e de relevância para melhorias na atual forma de oferecimento da SAE e PE. Apresenta referencial teórico vasto e atualizado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto apresenta todos os itens obrigatórios.

Recomendações:

A pesquisadora traz como critério de inclusão: Todos os discentes de Graduação em Enfermagem que estiverem cursando o nono e décimo períodos, maiores de 18 anos de idade, e aceitarem a participar da pesquisa, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

E como exclusão: os alunos que não estiverem cursando o nono e décimo períodos, e aqueles que mesmo cursando os referidos





Continuação do Parecer: 5.167.618

períodos ainda não tenham cursado a Disciplina de Sistematização da Assistência de Enfermagem.

Solicito que seja mantido apenas: alunos que ainda não tenham cursado a Disciplina de Sistematização da Assistência de Enfermagem.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, o Comitê de Ética em Pesquisa do Unilavras, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Considerações Finais a critério do CEP:

O colegiado está de acordo com o parecer do relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	Projetofinal.pdf	15/12/2021 15:13:17		Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1867658.pdf	05/12/2021 09:58:14		Aceito
Outros	questionariosociodemografico.pdf	05/12/2021 09:57:27		Aceito
Outros	instrumentodecoletasdedados.pdf	05/12/2021 09:57:06		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.pdf	05/12/2021 09:56:27		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetodetalhado.pdf	05/12/2021 09:56:05		Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	05/12/2021 09:55:28		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracaodainstituicao.pdf	05/12/2021 09:54:53		Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	05/12/2021 09:52:53		Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	05/12/2021		Aceito





Continuação do Parecer: 5.167.618

Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	09:52:15	Soares	Aceito
----------------	------------------	----------	--------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

LAVRAS, 15 de Dezembro de 2021



Endereço: Campos do Centro Universitário de Lavras - UNILAVRAS - Rua Padre José Poggel nº 506 - Prédio A/1ºAndar
Bairro: Centenário **CEP:** 37.203-593
UF: MG **Município:** LAVRAS
Telefone: (35)3826-4188 **Fax:** (35)3826-4188 **E-mail:** cep@unilavras.edu.br

APÊNDICES

Apêndice I- Questionário Sociodemográfico

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Data da coleta: __/__/__

Local da coleta de dados:

Caracterização dos alunos quanto à formação e atuação profissional:

- 1) Sexo: () Masculino () Feminino
 - 2) Idade: _____ anos
 - 3) Realiza apenas a Graduação em Enfermagem: () Sim () Não
 - 5) Ano que ingressou na Graduação em Enfermagem?
 - 4) Atuante na área da saúde: () Sim () Não
Se sim, qual cargo? _____
 - 5) Técnico de Enfermagem () Sim () Não
Se sim, há quanto tempo? _____ anos
- .

Apêndice II- Instrumento de Coleta de Dados – Roteiro de Questões Norteadoras

A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas individuais e terá como questões norteadoras definidas como fundamentais:

- Qual o seu conhecimento acerca da SAE e do PE?
- Quais as facilidades para a implantação da SAE e do PE no decorrer de suas práticas acadêmicas?
- Quais as dificuldades para a implantação da SAE e do PE no decorrer de suas práticas acadêmicas?
- Quais estratégias você indicaria para o melhor entendimento e aprendizado da SAE e do PE na formação do futuro enfermeiro?